



CRB

SETEMBRO 2008 • XLIII • nº 414

# CONVERGÊNCIA

- “Diga a esta geração: avance!”
- Mulheres da Bíblia a serviço da vida
- Paulo Apóstolo:  
suas três grandes viagens missionárias
- A vida na Bíblia
- Do Brasil de batizados ao Brasil  
de discípulos missionários

## Sumário

### Editorial

|                                   |     |
|-----------------------------------|-----|
| Bíblia: vida feita mensagem ..... | 505 |
|-----------------------------------|-----|

### Palavra do Papa

|                                                                                                                                                  |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Discurso do papa Bento XVI aos participantes na VI Reunião da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos – Segunda-feira, 21 de janeiro de 2008 ..... | 508 |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|

### Informes

|                                                                                    |     |
|------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| CLAR realiza, no Brasil, seminário da Vida Religiosa afro-americana e caribenha .. | 511 |
| CRB-Regional de Campo Grande-MS celebra quarenta anos .....                        | 513 |
| PROFOLIDER V .....                                                                 | 515 |
| Centro de Renovação Espiritual – CERNE 97 .....                                    | 516 |

### Artigos

|                                                                                                                               |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| “Diga a esta geração: avance!” Aspectos existenciais<br>PAULO DULLIUS .....                                                   | 518 |
| Mulheres da Bíblia a serviço da vida. Interpelações à Vida Religiosa<br>MERCEDES LOPES, MJC .....                             | 530 |
| Paulo Apóstolo: suas três grandes viagens missionárias<br>AGENOR GIRARDI, MSC .....                                           | 542 |
| A vida na Bíblia<br>LUIS I. STADELMANN, SJ .....                                                                              | 548 |
| Do Brasil de batizados ao Brasil de discípulos missionários.<br>Caminhar com Aparecida além de Aparecida<br>PAULO SUESS ..... | 565 |

*A ilustração da capa, de irmão Anderson S. Pereira, msc, nos mostra a Cruz de Cristo rompendo o horizonte e entrando em nosso mundo. Nossa resposta, associada à Encarnação, torna-se força geradora de vida e missão. Discípulos e discípulos de Jesus Cristo, precisamos da coragem de nos lançarmos e mergulhar em novas realidades, com renovada força e criativa fidelidade.*



## CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162

### DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrósio, dp

### REDATORA RESPONSÁVEL

Ir. Ires L. Pontim, fsp

MTb 10.764

### EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora:

Ir. Márian Ambrósio, dp

Conselho editorial:

Ir. Aila Pinheiro de Andrade, nj

Pe. Francisco Taborda, sj

Pe. Jaldemir Vitório, sj

Pe. Cleto Caliman, sdb

### DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507

Ed. Venâncio II

70393-900 – Brasília – DF

Tels.: (61) 3235-2991 / 3226-5540

Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Cirano Dias Pelin

Sandra Sinzato

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

*Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*

**Assinatura anual para 2008:** Brasil: R\$ 84,00  
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)  
Números avulsos: R\$ 8,40 ou US\$ 8,40

A segunda prioridade definida para o triênio 2007-2010 da CRB-Nacional nos desafia: “Cultivar uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero”.

Esta edição da revista *Convergência*, colocada em nossas mãos no mês da Bíblia e às portas da realização do Sínodo sobre a Palavra de Deus, destaca artigos que confirmam nossa opção, iluminam nossa reflexão e fortalecem nossa fé.

O Santo Padre, em um pronunciamento relacionado ao processo de preparação do Sínodo, o reafirma, como podemos ler na página de abertura de nossa revista.

A escolha pelo texto de irmão Paulo Dullius para mergulho inicial na leitura traz a intenção de enriquecer a compreensão do rico conteúdo da frase-chave do histórico momento vivido pela Vida Religiosa Consagrada no Brasil: “*Diga a esta geração: avance!*”. *Aspectos existenciais*. O imperativo “avance!” tem-se apresentado com certa ambigüidade. Há um sutil pressuposto de que se saiba para onde ir e qual a direção a tomar... Após ter colocado no papel essa questão, tantas vezes repetidas em nossos círculos de estudo, irmão Dullius discorre com sabedoria sobre pressupostos existenciais dos quais precisamos ter consciência ao percorrer o êxodo que empreendemos. A simbologia dos pés pode ajudar neste sentido!

O interesse despertado em nossas comunidades pela definição fundamental da missão da Vida Consagrada como

serviço à vida encontra ressonância feliz no artigo de irmã Mercedes Lopes, mjc, *Mulheres da Bíblia a serviço da vida. Interpelações à Vida Religiosa*. O êxodo não teria acontecido sem a atenção contínua e corajosa de Miriam. Irmã Mercedes traça — de forma fundamentada e elaborada — o itinerário dessa mulher desde a beira do rio, onde, ainda menina, afirma sua liderança criativa e fiel. Ao fazermos a leitura orante do itinerário de Miriam, pelo deserto, ao lado dos irmãos e inserida junto ao povo, compreendemos o que significa servir a vida em tempos de itinerância.

Na seqüência, *Convergência* dá continuidade a uma trilogia de estudos de padre Agenor Girardi, msc, sobre São Paulo, em comemoração ao Ano Paulino. A leitura de *Paulo Apóstolo: suas três grandes viagens missionárias* é uma chance de refletirmos sobre o momento missionário que vive a Igreja. Paulo se torna, sempre com mais significado, um testemunho que desafia nossa acomodação e fechamento. A ele devemos a abertura a novos horizontes, a novas culturas, a novos conceitos de vida. Aqui está o convite para seguirmos seus passos de discípulo apaixonado de Jesus Cristo.

Temos, novamente, o privilégio de contar com padre Luis I. Stadelmann, sj. Seu artigo *A vida na Bíblia* nos proporciona a oportunidade de aprofundarmo-nos na compreensão do que é a vida. Para além do material e do biológico, do laboratório e da clonagem, mergulhamos na Bíblia, que afirma a vida como “dom” de Deus, bem mais que um elemento natural da natureza humana. Padre Luis desdobra os três tipos de vida encontrados na Bíblia, em relato da obra de criação (Gn 1,1-31), motivando-nos à contemplação da beleza do ato criador e à nossa responsabilidade diante da mesma.

Hoje, a missão voltou ao coração da Igreja e ao centro da teologia. Essa é uma das muitas afirmações de padre Paulo Suess em seu texto *Do Brasil de batizados ao Brasil de discípulos missionários. Caminhar com Aparecida além de Aparecida*. Chama a atenção, logo de início, que é necessário purificarmos nossa maneira de entender o que significa o Brasil de batizados. Valores religiosos e culturais fazem parte do modo de

sermos Igreja. O texto é muito oportuno, pois a Conferência de Aparecida continua a merecer aprofundamento, para que a concretização de suas metas se torne chance de vida para nossas comunidades.

Sugerimos, ainda, a leitoras e leitores de *Convergência*, uma leitura atenta dos informes da CRB-Nacional, para uma intensa comunhão entre nós.

IRMÃ MÁRIAN AMBRÓSIO, DP  
PRESIDENTE DA CRB

## Discurso do papa Bento XVI aos participantes na VI Reunião da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos

Segunda-feira, 21 de janeiro de 2008

Queridos e venerados irmãos no episcopado!

Sinto-me feliz por vos receber enquanto estais participando na reunião do Conselho Ordinário da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos em preparação para a Assembléia Geral Ordinária, convocada de 5 a 26 de outubro próximo. Saúdo e agradeço a dom Nikola Eterovic, secretário-geral, as suas amáveis palavras; e faço extensivos os sentimentos do meu reconhecimento a todos os membros, quer da Secretaria Geral do Sínodo quer do Conselho Ordinário da Secretaria Geral. A todos e a cada um saúdo com afeto sincero.

Na recente carta encíclica *Spe salvi*, sobre a esperança cristã, quis ressaltar o “caráter comunitário da esperança” (n. 14). “O fato de estarmos em comunhão com Jesus Cristo”, escrevi, “envolve-nos no seu ser ‘para todos’, fazendo disso o nosso modo de ser. Ele nos compromete a ser para os outros, mas só na comunhão com ele é que se torna possível sermos verdadeiramente para os outros”, porque existe uma “conexão entre amor de Deus e responsabilidade pelos seres humanos” (n. 28), que não nos permite cair de novo no individualismo da salvação e da esperança. Penso que se possa descobrir eficazmente aplicado este princípio fecundo precisamente na experiência sinodal, na qual o encontro se torna comunhão e a solicitude por todas as Igrejas (cf. 2Cor 11,28) sobressai na preocupação por todos.

A próxima Assembléia Geral do Sínodo dos Bispos refletirá sobre “A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”. As grandes tarefas da comunidade eclesial no mundo contemporâneo, entre outras, ressaltam a evangelização e o

ecumenismo, centram-se na Palavra de Deus e ao mesmo tempo são por ela justificadas e amparadas. Como a atividade missionária da Igreja com a sua obra evangelizadora encontra inspiração e finalidade na revelação misericordiosa do Senhor, o diálogo ecumênico não pode basear-se em palavras de sabedoria humana (cf. 1Cor 2,13) ou em sagazes expedientes estratégicos, mas deve ser animado unicamente pela referência constante à Palavra originária, que Deus entregou à sua Igreja, para que seja lida, interpretada e vivida na sua comunhão.

Nesse âmbito, a doutrina de São Paulo revela uma força totalmente especial, fundada, obviamente, sobre a revelação divina, mas também sobre a própria experiência apostólica, que lhe confirmou sempre de novo a consciência e não a sabedoria e a eloquência humana, porém só a força do Espírito Santo constrói na fé a Igreja (cf. 1Cor 1,22-24; 2,4ss).

Por uma feliz concomitância, São Paulo será particularmente venerado este ano, graças à celebração do Ano Paulino. Portanto, a realização do próximo Sínodo sobre a Palavra de Deus também oferecerá à contemplação da Igreja, e principalmente dos seus pastores, o testemunho deste grande apóstolo e arauto da Palavra de Deus. Ao Senhor, que ele inicialmente perseguiu e ao qual depois consagrou todo o seu ser, Paulo permaneceu fiel até a morte: que o seu exemplo sirva de encorajamento a todos para acolher a Palavra da salvação e traduzi-la na vida quotidiana em fiel seguimento de Cristo.

À Palavra de Deus dedicaram a sua atenção diversos organismos eclesiais consultados em vista da Assembléia de outubro próximo. Para ela dirigirão o seu coração os padres sinodais, depois de terem analisado os documentos preparatórios, os *lineamenta* e o *instrumentum laboris*, para cuja redação vós próprios contribuístes na Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos. Terão, assim, a oportunidade de confrontarem-se entre si, mas, sobretudo, de unirem-se em comunhão colegial para se colocarem à escuta da Palavra de vida, que Deus confiou aos cuidados solícitos da sua Igreja, para que anuncie, com coragem e convicção, com a parrésia

## CLAR realiza, no Brasil, seminário da Vida Religiosa afro-americana e caribenha

511

INFORMES

Com o tema *Realidade do povo afro-americano e suas contribuições à Vida Religiosa no contexto atual*, a CLAR reuniu em São Paulo, de 27 a 29 de junho de 2008, 37 religiosas e religiosos afro-descendentes provenientes de sete países latino-americanos para aprofundar uma reflexão teológica, antropológica e social, como também para afirmar a identidade afro-americana e suas contribuições na revitalização da Vida Religiosa hoje.

Além de refletir, fortalecer e valorizar a presença da VR afro-americana e caribenha, a CLAR reconhece a contribuição dessa riqueza cultural à sociedade, à Igreja e à VR, em particular, e aposta em uma VR mística e profética, como também em uma sociedade inclusiva e intercultural.

Irmã Maris Bolzan, delegada da CLAR para acompanhar o seminário, traz no ato de abertura as seguintes palavras de interpelação à VR: “Somos chamadas(os) a recuperar os rostos do povo afro-americano, invisibilizado de diversas maneiras ao longo de muitos anos, e escutar suas inquietudes, esperanças, desejos e contribuições como novos atores social e eclesial”.

Provocadas(os) pelo texto bíblico iluminador do seminário: “Vão e dêem frutos e que seu fruto permaneça” (cf. Jo 15,16), mergulhamos nas diversas realidades afro de nosso continente e por vários momentos nos surpreendemos ao perceber que as realidades vividas pelo povo afro, de desigualdade, exclusão e pobreza, se assemelham. Essas realidades, como tantas outras, pedem, com certeza, à VR, hoje, um novo posicionamento, novas opções e novas formas de



inserção, assim como nossa conferência tem-nos desafiado desde a última assembléia geral.

Diante da realidade trazida pelas conferências, como também pela reflexão feita por irmãos e irmãs nossos nas dimensões social, antropológica e teológica, fica, para a VR negra, este questionamento: Com quem estamos e com quem permaneceremos? Como podemos fazer novo o carisma de nossas congregações junto aos pobres e, de forma mais concreta, aos pobres negros e negras deste continente?

Encerramos o seminário assumindo alguns compromissos como VR afro:

- Em nível de conferências: consolidação das equipes da VR afro nas conferências; promoção de espaços de reflexão e formação da VR afro em nível intercongregacional; realização de um censo da VR afro; participação e apoio nas organizações afro; maior presença da VR na base.
- Outros compromissos: socialização do seminário nas conferências; apoio às organizações e à pastoral afro de cada país; acompanhamento às confrarias; maior presença nas organizações.

Bendizemos a Olorum pelo que vivenciamos, experimentamos e construímos neste seminário, pela resistência do povo negro, pela corrente solidária com os que estão fora e excluídos, pelo resgate da história e pela partilha de dons, pela fé, ousadia e resistência dos nossos ancestrais. Por todos os negros e negras que, hoje, continuam lutando pela construção de novos quilombos-páscoa. Bendizemos, também, pela iniciativa da CLAR e pela acolhida das diversas conferências. Nossa gratidão à CRB-Nacional, que continua acreditando, apostando e investindo na Vida Religiosa negra do Brasil. Que possamos dar frutos, e que eles permaneçam.

IRMÃ ANTONIA MENDES GOMES, NDC  
ASSESSORA EXECUTIVA NACIONAL

Na mesma casa onde nasceu, o Instituto Missionário São José, a CRB de Campo Grande se reuniu com a presidente nacional para celebrar sua fundação e caminhada de quarenta anos. Quarenta anos tem conotação bonita, é bíblico, e até Jesus se referiu a este número. É símbolo de uma geração inteira. De uma nova geração que surge. Irmã Márian Ambrósio nos provocou a encontrar uma perspectiva nova, a renovar a qualidade da caminhada, de maneira que *re-signifique* a VRC. Que perguntas fundamentais a VRC se faz aos quarenta anos?

Foi nos dias 28 e 29 de junho. A celebração eucarística, presidida por dom Eduardo Pinheiro, trazendo as figuras dos santos Pedro e Paulo, ilustrou a comemoração do nosso jubileu, que se propôs refletir sobre o “ser discípulo(a)-missionário(a)”.

Uma rica e profunda reflexão, conduzida pela irmã Márian, situando-nos como pessoas enviadas para dentro da Igreja e do Reino de Deus, teve momentos marcantes. Figuras de linguagem e imagens visuais mexeram com o imaginário e tocaram corações.

Dos Evangelhos aprendemos, desde sempre, a contemplar a figura do Pastor e a conseqüente vocação pastoral, institucionalizada. De igual importância é a figura do discípulo, uma liderança carismática que o evangelista João chama de discípulo amado. Este não tem nome, porque numa liderança circular pode ser João ou Joana, Lázaro, Marta, você. É um discipulado de iguais.

E a figura de Cristo, capaz de refundar a VR, despertar e dar consistência vocacional aos nossos jovens formandos, continua sendo o Crucificado-Ressuscitado, expressão máxima do amor. E o amor, que transformou a estéril Sara em mãe feliz, é capaz de transformar também nossas comunidades e congregações. Isso nos conduz à qualidade das nossas relações e da nossa vida comunitária. Esteja em nossas comunidades o anjo que ama, denuncia e cura, para sermos realmente discípulos-missionários, discípulas-missionárias. E podemos sê-lo, porque nessas raízes está Deus, que também nos dotou de asas.

Mas não foi somente reflexão intercalada de silêncios orantes. Houve jantar festivo e roda de conversa, momento em que predominou o filme da transferência da CRB-Nacional.

Como diz o salmista, “foi bom e agradável estarmos juntos, irmãos e irmãs”. Com novo vigor e felizes, retornamos a nossas casas, gestando a nova geração. Obrigada, irmã Márian, obrigada a cada um (uma) dos(as) participantes.

IRMÃ LENIR TERESINHA HEINEN, CIFA  
ASSESSORA REGIONAL

Na cidade do Rio de Janeiro, na sala de exposição do Xingu, no Museu do Índio, uma peça chama a atenção. Além da beleza artesanal, na identificação está escrito: "Cerâmica utilizada para depositar e servir...".

*Depositar e servir:* a força desses verbos sobressai naquilo que significam. Transpostos à Vida Religiosa Consagrada e, particularmente, à proposta do PROFOLIDER – Programa de Formação de Liderança Religiosa, tornam-se vitais.

O PROFOLIDER há cinco anos vem sendo proposto pela CRB-Nacional. A edição número cinco aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, de 2 a junho a 31 de julho, sendo que os últimos dez dias foram de retiro espiritual na cidade de Petrópolis. Teve 35 participantes: 32 religiosas (uma paraguaia e três africanas), um irmão e dois sacerdotes, procedentes de 28 institutos diferentes. Todos(as) com muito interesse e dedicação.

Sob a coordenação de irmã Maria Juçara dos Santos, fdz, e de padre Mário César do Amaral, sac (assessores executivos da Nacional), contamos com 16 assessores e assessoras que deram sua contribuição valiosa para que o Programa tivesse êxito.

Estamos confiantes que o PROFOLIDER continuará merecendo credibilidade e apoio dos institutos e de toda a Vida Religiosa Consagrada.

PADRE MÁRIO CÉSAR DO AMARAL, SAC  
ASSESSOR EXECUTIVO NACIONAL

Belo Horizonte, mais uma vez, foi a cidade-sede do CERNE – Centro de Renovação Espiritual, que, desde 1977, a Conferência dos Religiosos do Brasil realiza com o intuito de favorecer a atualização e o revigoramento de religiosas e religiosos com mais de 15 anos de consagração.

A edição de número 97 aconteceu de 9 de março a 18 de abril de 2008, na Casa de Retiros São José, da Congregação Redentorista. Participaram do CERNE 97 trinta pessoas, sendo 28 religiosas e 2 religiosos, representando 28 institutos, procedentes de 15 estados brasileiros e do Quênia.

O cronograma previsto para os quarenta dias desenvolveu-se sem alterações, coordenado por irmã Izelba Maria Volpatto, fmma, irmã Maria Juçara dos Santos, fdz, e padre Mário César do Amaral, sac.

Foram quarenta dias de rica experiência comunitária e vivência intensa das dinâmicas propostas. Momentos de partilha, oração, leitura orante da Palavra, reflexão e avaliação pessoal e comunitária deram uma tônica particular à intercongregacionalidade estabelecida no grupo. Um tempo e um espaço privilegiados, nos quais cada participante buscou *re-significar*, repensar e *re-encantar* a sua prática de Vida Religiosa Consagrada em vista do seguimento radical de Jesus Cristo, no compromisso com o Reino de Deus.

Os assessores e as assessoras, demonstrando qualificação e competência, transmitiram não apenas conteúdos, mas sua experiência, sua vivência, seu encantamento e amor pela VRC. Estiveram atentos em revigorar o chamado discipu-

lar como espiritualidade encarnada, libertadora e comprometida com o Deus do Reino. Valendo-se de dinâmicas participativas, facilitaram a releitura crítica e prospectiva da caminhada pessoal e comunitária. Incentivaram a intercongregacionalidade na missão. Os temas abordados foram: Psicologia da Vida Religiosa Consagrada e crescimento pessoal e comunitário; Análise de conjuntura e desafios para a Vida Religiosa Consagrada; Jesus de Nazaré e a espiritualidade do seguimento/Maria discípula; Relações de gênero; Consagração e votos e Leitura orante da Palavra de Deus.

Irmã Márian Ambrósio, dp, presidente da CRB-Nacional, brindou o grupo com sua presença. Com entusiasmo, partilhou suas expectativas em relação à CRB-Nacional, trazendo ao conhecimento do grupo vários projetos assumidos no Brasil e além-fronteiras, destacando o grande desafio do triênio 2007-2010: a transferência da sede da CRB-Nacional do Rio de Janeiro para Brasília.

Para encerrar o CERNE 97, uma celebração eucarística presidida por padre Mário. No início da celebração, o arcebispo de Belo Horizonte, dom Valmor Oliveira de Azevedo, fez uma breve saudação ao grupo. Desse importante momento de ação de graças e envio participaram, também, irmã Aurora Côgo, ije, presidente da Regional Belo Horizonte, e as assessoras regionais irmã Solange de Fátima Damião, crsd, e irmã Fátima, ciic. Ainda, irmã Vilma Moreira da Silva, fi, secretária da Diretoria Nacional da CRB.

Mais uma vez, a Vida Religiosa Consagrada do Brasil louva e agradece à Trindade bendita pelas manifestações de ternura que demonstra aos que assumem, com determinação, ser testemunhas de Jesus Cristo, trilhando um caminho novo de esperança.

IRMÃ MARIA JUÇARA DOS SANTOS, FDZ  
ASSESSORIA EXECUTIVA NACIONAL

## “Diga a esta geração: avance!” Aspectos existenciais

PAULO DULLIUS\*

### *Algumas considerações iniciais*

O início deste milênio inclui exortações no sentido de “avançar para águas mais profundas” ou semelhantes. Isso significa um novo incentivo e esforço de renovação, de mudança, de assumir como idéia-força o desafio de ir em frente, de dar passos significativos na direção do novo, do mais pleno, do mais adulto e do mais Reino de Deus no mundo de hoje. No momento atual, toma-se como ícone a travessia do Egito até a terra prometida por parte do povo de Israel. Essa travessia consta de um ponto de partida, uma travessia por terra e pelo mar e a chegada à terra prometida. O maior tempo da narração é dedicado ao processo da travessia. Terra e mar resumem a realidade física, mas acentuando aspectos de dificuldades.

A terra é desértica e é o lugar da morada dos chacais, das serpentes e das forças do mal; o mar é inseguro e perigoso, morada das forças negativas, do leviatã. Cada vez que se quer falar de situações difíceis, recordamos a imagem do deserto sem vida, sem comida e sem água. Quando queremos retratar dificuldades maiores e quase sem controle, falamos de mar. Trata-se de uma realidade repleta de simbologias e de situações humanas com possíveis características de deserto e de mar para chegar à terra prometida, o estado do ser humano adulto em “idade, sabedoria e graça diante de Deus e diante dos seres humanos”.

Partindo da idéia de Paul Ricoeur de que a “interpretação literal da Bíblia é um fato do passado”,<sup>1</sup> precisamos seguir

\* **Irmão Paulo Dullius** é teólogo, doutor em Filosofia, membro do Grupo de Reflexão de Psicólogos da CRB-Regional Porto Alegre e membro da Equipe de Reflexão Psicológica da CRB-Nacional. **Endereço do autor:** Rua Honório Silveira Dias, 636, São José, cep 90550-150, Porto Alegre-RS. Tel.: (51) 3219-3707/3358-3600. E-mail: pdullius@delasalle.com.br.

1. RICOEUR, Paul. *Ensaio sobre interpretação bíblica*. São Paulo: Novo Século, 2004.

o longo caminho hermenêutico e simbólico dessa travessia, especialmente avaliando as diversas figuras de linguagem que são usadas. O texto se presta para acentuar a tendência de uma interpretação quase literal, quando se lê comentários sobre o mesmo. Por isso é importante, também, avaliar e entrar na experiência existencial do povo de Israel ao fazer essa travessia histórica que, em síntese, é a passagem de não-povo — sem autonomia, sem identidade, sem liberdade — para povo, com autonomia, com identidade, com possibilidades de ter sua terra, sua vida própria e outras questões relacionadas ao culto, expressão religiosa e organização social.

Tomando como ponto de referência a experiência criativa,<sup>2</sup> todo processo de crescimento passa por fases diversas, sendo uma delas a consciência de deixar para trás a situação presente e pôr-se a caminho em busca de uma nova identidade. Tal realidade complexa cria inseguranças que repercutem na estrutura pessoal e social. Em geral, requer-se uma liderança forte e boa estrutura pessoal e social para não haver uma desestruturação ampla. Depois, surge a condição de esperança e alguns sinais de vida melhor ou vida nova, os quais se consolidam através de uma nova reestruturação, que a Bíblia, no caso presente, denomina “terra prometida”.

Todos a desejam e ela se caracteriza por uma reorganização pessoal e social nova, mais segura, mais plena de sentido. A humanidade vive a realidade entre uma situação de “terra prometida” projetada nos inícios pela descrição do mito do paraíso e uma visão de “terra prometida” do futuro designada como paraíso do Reino de Deus. É preciso admitir que a descrição desses dois aspectos de travessia — deserto e mar — nos coloca diante de uma visão um tanto negativa, moralista e ameaçadora da realidade, sem tanta esperança. Acentua, quem sabe, exageradamente, a dimensão de fragilidade e menos a das possibilidades do ser humano.

Contudo, é preferível assumir a posição de Ricoeur, de que o ser humano é um ser capaz:<sup>3</sup> capaz de falar, capaz de agir, capaz de narrar-se e capaz de imputar-se por suas ações. Dessa definição podemos derivar toda cultura, toda capacidade de acertar, de ir em busca de um ideal, de uma

2. Experiência criativa com seus quatro passos — realidade atual limitada, consciência desta limitação e busca de iluminação de alternativas, experiência nova e consolidação dela para uma nova estrutura cognitiva —, assim como descrita por Batson e Ventis in *The Religious Experience: A Social-psychological Approach*.

3. RICOEUR, P. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990. [Ed. bras.: *O si mesmo como um outro*. Trad. de Lucy Moreira César. São Paulo: Papirus, 1991.]



avaliação constante, ou, de tempos em tempos, seu agir dentro da direção da humanização, a sua terra prometida. Numa palavra: o ser humano se caracteriza pela tendência à perfeição, vive na condição de fragilidade e está imerso numa realidade do mal, dentro e fora dele; anterior, concomitante e posterior; pessoal e coletivo.

Podemos assumir também que este movimento geral se repete em escalas menores na vida de cada pessoa, nos grupos e em tantas situações do nosso dia-a-dia. Mas a dinâmica central deste movimento, em geral segue os mesmos passos. Todo crescimento requer, portanto, um rompimento com situações precedentes, ainda que, com aspectos agradáveis, requeira um tempo de instabilidade até chegar a organizar uma nova identidade com outros parâmetros, mais maduros e melhores.

Assim, o tema assumido — *diga a esta geração: avance!* — precisa ser compreendido dentro do processo de crescimento explicitado na estrutura da experiência criativa. O que podemos fazer sempre de novo é analisar alguns componentes que entram neste processo, tais como: quem são os envolvidos, qual sua situação a superar, como encaram o processo de crescimento, para onde se descortina a “terra prometida” pretendida, quais obstáculos retardam ou impedem a realização do projeto, quais os aspectos facilitadores do crescimento, e alguns pressupostos para tal. Esse processo, como já vimos, é pessoal, comunitário, social e cultural.

### ***Esta geração***

Quem seria esta geração? No caso da Bíblia, fica bastante claro de quem se trata. Mas, hoje, quem é a geração? Os jovens, as congregações, a Vida Religiosa Consagrada, a humanidade? Talvez seja mais útil iniciar a compreensão “desta geração” como sendo um processo de crescimento que decorre da própria condição humana. Santo Agostinho distingue bem o “coração inquieto” que procura Deus, procura a perfeição antropológica, a perfeição da dimensão humana constitutiva de cada qual e dos grupos humanos.

Coração inquieto não é o mesmo que coração irrequieto. Este último se refere à agitação, à anomia, à ansiedade desvinculada de objetivos e de ideais mais centrais. Pode ser que haja sinais de coração irrequieto na geração atual.

Geração atual são as pessoas e os grupos que vivem a responsabilidade de humanização e de missão nos tempos atuais. A consciência da responsabilidade em humanizar segundo a verdade interior da humanidade torna-se um desafio cada vez maior dentro da diversidade de culturas, de expressão humana, e diante das grandes conquistas e desafios da ciência. O “coração inquieto” é a realidade antropológica que impulsiona o ser humano na direção do bem, da verdade e do amor. É a busca da perfeição como tendência do ser humano assim como foi criado por Deus.

Por isso podemos assumir que o autor deste “diga” é Deus enquanto autor da estrutura humana; é também o impulso permanente que vem do profundo do coração humano; é, ainda, o movimento amplo da humanidade, muito dele bem especificado pelas religiões e pelas congregações religiosas; é, outrossim, a força ética em suas diferentes explicitações; são, ainda, as formas de discernimento de grupos e de pessoas; são o nosso empenho e responsabilidade diante do hoje e do futuro. A mediação deste “diga” são as famílias, as culturas, os acessos à verdade e tantas outras formas.

O compromisso de humanização foi e é responsabilidade de cada época histórica. Hoje, somos nós esta geração. Nossas congregações, com os(as) religiosos(as) que as integram, com a missão que nos cabe, com as estruturas internas e externas, com nossa realidade ampla de responsabilidade histórica..., somos esta geração. A consciência desta missão nos é relembrada de tantas formas: os desafios da realidade atual, os apelos da Igreja e dos pobres, os desafios éticos... Diante da complexidade atual pode-se entender que haja certa passividade, certa dificuldade de ir realizando o Reino de Deus, empenhando nesta missão todas as nossas forças afetivas, cognitivas e volitivas.

A consciência da responsabilidade histórica, hoje, está um pouco diluída dentro de um conjunto de formas de viver

que, em grande parte, podem significar liberação de repressões de aspectos antropológicos, especialmente ligados à corporeidade, que eram reprimidas em tempos precedentes. Mas esta consciência também está um pouco diluída nas opções disponíveis oferecidas pelo mundo atual.

Esta geração significa, portanto, em primeiro lugar, cada pessoa, seja ela religioso(a) ou não; significa cada instituição dentro da multiplicidade social; significa, também, cada cultura; significa, em última análise, a humanidade atual.

A geração atual tem uma responsabilidade diante do processo de desenvolvimento amplo, com critérios éticos bem definidos que sejam a favor da vida na sua multiplicidade de formas.

### ***Direção a tomar***

O imperativo "avance!" tem-se apresentado com certa ambigüidade. Há um sutil pressuposto de que se saiba para onde ir e qual a direção a tomar, bem como se supõe, de alguma forma, que cada pessoa seja livre o suficiente para poder optar na direção pretendida. Além de ambigüidade, há certo equívoco quando se supõe conhecido e assumido o rumo a seguir. De alguma forma, pensa-se que se trata de ir em direção ao Reino de Deus, de sua construção. Contudo, não há total consenso sobre o significado de Reino de Deus. Certamente, ele é um valor final, uma meta a alcançar. Mas os valores instrumentais desta meta nem sempre são claros, e há menos acordo na escolha dos mesmos.

É preciso admitir, ainda, que há uma dimensão evolutiva na especificação e opção por valores terminais (finais) e instrumentais.<sup>4</sup> Em geral, não há grande desacordo quanto à direção a tomar; as discussões centralizam-se ao redor de aspectos mais imediatos, mediadores e práticos. Neles se revela mais a diversidade e também a individualidade mais madura ou menos madura dos que estão a caminho.

Numa realidade mais complexa, como a nossa, os rumos do "avançar" ficam menos claros. Requer-se, para tal, ao menos de alguma forma, duas possibilidades: a) grande dis-

4. Rockeach, citando Lovejoy, apresenta-nos uma visão bastante clara sobre este tema. Tratando-se de religiosos, *Perfectae caritatis* define a união com Deus e o seguimento de Jesus Cristo como valores terminais, e os votos, a vida comunitária, a missão... como expressão instrumental desses valores terminais.

ponibilidade e possibilidade de discernimento pessoal e comunitário; b) lideranças legítimas competentes. Muitas vezes, em momentos de mudanças, há uma crise institucional e também de lideranças, o que favorece o surgimento de lideranças tipo “poder de referência”.<sup>5</sup>

O poder de referência leva à identificação, e sua força está na atração de sua pessoa ou de suas idéias. Mas essa atração tem sua ambigüidade: pode provir da dimensão imatura das pessoas e dos grupos, ou servir de mediação para o processo de internalização. Numa época em que facilmente se questiona a autoridade, pode resultar certa inibição da mesma e favorecer complacência e pouca clareza dos rumos a tomar.

A tudo isso se soma a realidade da queda das grandes ideologias, e o fato de se instaurar o que Vattimo chama de “pensamento frágil”.<sup>6</sup> Requer-se, portanto, um grande esforço para esclarecer o conteúdo da direção para onde se deve avançar. Em geral, o processo “avance!”, desarticulado de um conteúdo específico de metas e de valores, pode levar a uma experiência de ansiedade. Dessa experiência podem resultar opções apressadas que não levam suficientemente em consideração os obstáculos da caminhada, por isso tantos desistem da caminhada.

Em processos formativos, se o imperativo for “mudar” sem saber claramente o porquê, e quando não se sabe claramente para onde, não se divisam novas formas mais maduras e significativas. E podemos prever certo número de desistências. Portanto, a questão pedagógica deste “avance!” requer esclarecimento da direção e dos conteúdos atinentes à mesma, bem como uma pedagogia que não crie demasiada ansiedade fortificando forças passivas e de perda de sentido.

## ***Obstáculos da caminhada***

Podemos olhar alguns obstáculos da caminhada. Existe certa tendência a minimizar tais obstáculos. Tende-se a considerá-los como falta de boa vontade. Outras vezes pensa-se que o conhecimento é condição suficiente para caminhar. Ainda mais: pensa-se que o contato com a realidade

5. French e Raven falam de vários tipos de poder, entre eles o de referência. Padre Rulla, em *Psicologia do profundo e vocação*, v. 2, analisa esses tipos de poder relacionando-os com a internalização, identificação e complacência, temas tirados de Kellmann.

6. “Pensiero debole.”

mais pobre seja a excelente escola da caminhada. Temos a tendência de culpar a estrutura, a má vontade de mudar. Sem desmerecer essas causas invocadas, também convém considerar outros fatores mais resistentes para a caminhada na direção da meta.

Há obstáculos pessoais decorrentes da história e das opções que a pessoa fez até o presente momento; há obstáculos afetivos, cognitivos; há obstáculos espirituais; há obstáculos provenientes da cultura do passado; há obstáculos provindos da situação atual; há obstáculos decorrentes de um futuro incerto e inseguro; há obstáculos provindos da falta de metas objetivas etc. A indecisão para iniciar a caminhada pode ser o primeiro obstáculo.

A simbologia dos pés pode ajudar nesse sentido: os pés significam nosso "implante" no passado. Significam também nossas resistências à mudança. A simbologia dos pés inclui, além disso, a fixação no mal, no infantil. Tirar as sandálias quer significar o despojamento cultural no qual tantas vezes estamos presos. Ora, exemplos concretos dessa dificuldade não são difíceis de individuar.

Pense-se, por exemplo, em nossa tendência ao comodismo, nossa inserção na cultura cheia de estruturas de amor e de desamor, nossos preconceitos, nossos sentimentos de culpa, nossa justificação de inadequação e indignidade... Esses podem ser tais que preferimos nem iniciar a caminhada. Outras vezes, começamos a caminhar e, diante do primeiro obstáculo, já desanimamos. Quantas amizades rompidas por um pequeno gesto ou sentimento, quantos compromissos abandonados diante da primeira dificuldade, quanto desânimo diante do não-apoio estrutural e comunitário.

Outros obstáculos provêm daquilo que o Evangelho chama "terreno de espinhos". Carlo Maria Martini chama-o especialmente de "obstáculo da imaginação", ou seja, nossa mente se enche de negatividade, antecipa perigos; nosso pessimismo, nossa mente é que associa perigos do passado e do futuro, tornando o presente impossível.

O evangelho de Lucas<sup>7</sup> apresenta a subida para Jerusalém. É outra forma exemplar de dizer “diga a esta geração: avance!”. Aqui, quem avança é Jesus. E vai resolutamente porque é livre e não se deixa vencer pelas tentações de deter-se. Várias pessoas querem seguir Jesus. Alguns deles o próprio Jesus convida a segui-lo.

Nesse texto estão resumidos os principais mecanismos de defesa usados para não seguir e avançar: resistências tipo “mãe”, ou seja, a busca da segurança e do conforto, simbolizado na “toca” e no “ninho”; resistências tipo “pai”, ou seja, procurar justificar as dificuldades invocando sua cultura, sua tradição..., simbolizado pelo “enterrar primeiro meu pai”; obstáculos oriundos da história pessoal, invocando-a — sobretudo seus limites — para isentar-se de avançar. No Evangelho, está na expressão “despedir-me dos de minha casa (casa como história pessoal, como vida pessoal).<sup>8</sup>

A esses obstáculos poderíamos acrescentar a tradição das instituições religiosas, a realidade atual, com certo nivelamento dos valores, com seu aumento da consciência generalizada da dignidade humana. É preciso reconhecer que a história pessoal, cultural e congregacional são fatores de crescimento. Mas também é nobre reconhecer que tais histórias são obstáculo para o caminhar e o avançar. É preciso avaliar bem tal realidade para estabelecer metas e estratégias de superação dos obstáculos e resistências, centralizadas simbolicamente nas figuras da mãe, do pai e da própria pessoa.

## ***Facilitadores do caminho***

A partir das reflexões e considerações precedentes, podemos também valorizar aspectos facilitadores do caminho. Antes de mais nada, é preciso ter certa prudência ao caracterizar como caótica(o) toda travessia, todo caminhar. Tal visão, um tanto derrotista, pode provir da não superação dos obstáculos considerados no item precedente. Sinais de decepção, derrota, frustração, amargura e falta de sentido de vida... podem levar a alimentar visões catastróficas, seja da caminhada, da travessia, seja da impossibilidade de alcançar

7. Lc 9,51.57-62.

8. O leitor pode encontrar uma reflexão mais aprofundada e detalhada sobre tais resistências em Paulo Dullius; Edgard Hengemüle, *Aprendendo com o Mestre*, Petrópolis: Vozes, 1999.

a meta proposta, porque isso é, em parte, projeção de ideais fictícios compensatórios de uma realidade que não se pode superar.

Num contexto de realidade cristã, convém manter sempre a esperança da força interior em cada pessoa, em cada cultura e na humanidade como um todo, esperança de estar indo na direção da "terra prometida". Talvez seja necessário recuperar não tanto a esperança, mas o crer na promessa, como prefere dizer Paul Ricoeur. A promessa vem do reconhecimento da dinamicidade interior do ser humano de estar voltado para o bem, para a verdade e para o amor.

O processo de crescimento integral é o maior facilitador do caminho da travessia. Isto comporta uma ampla compreensão da estrutura fundamental do ser humano. No âmbito pessoal, significa ter nas mãos a história pessoal, as opções decorrentes, as ações que mantêm a dimensão infantil e as que abrem para a verdadeira liberdade. O processo de conhecimento e de separação das feridas antigas e recentes, o abandono de ideais inatingíveis, o distanciamento de questões e pessoas que obstaculizam o crescimento...

Tudo isso são facilitadores do caminho. Decorre disso a apresentação positiva de alternativas existenciais válidas e mais livres. É preciso ajudar as pessoas a experimentar alternativas mais saudáveis e com isso sentir-se bem. Que as pessoas possam experimentar que "é melhor ser bom do que não ser bom". As experiências alternativas de valores cristãos e religiosos certamente ajudam no caminho e removem uma afetividade ferida para que possa "amar com todo o coração, com toda a mente e com todas as forças".

Esses processos facilitadores pessoais também se aplicam, *mutatis mutandis*, às culturas, às comunidades e às instituições. O caminho é facilitado por estruturas e instituições que apresentam alternativas existenciais boas a seus integrantes. É facilitado por formas organizacionais que permitam a participação de todos com uma responsabilidade proporcional à idade e à sua condição pessoal dentro das instituições, bem como proporcional à responsabilidade subsidiariamente estabelecida. Neste caso, a visão antropo-

lógica tem muito a ver. Não basta privilegiar um ou outro aspecto humano, mas sim todos os aspectos significativos.

Não é suficiente crer demais na dimensão espiritual para desencadear um processo de caminhada. Para iniciá-lo, os ideais transcendentais são essenciais, mas não se sustentam sem uma disposição interior ampla, oriunda de aspectos físicos e psíquicos integrados. Mudanças estruturais facilitam o caminho e o avançar, mas não são suficientes. Uma estrutura mudada sem mudar o interior das pessoas não subsiste e não resiste no tempo. Hoje, tal estruturação evangélica inclui as características de nossa época, tais como a mundialização, as parcerias e os projetos amplos em favor da vida, expressas em suas diversas formas.

### ***Alguns pressupostos e desafios***

Pelo exposto antes, a “aventura humana” repete a seu modo a travessia, a dimensão itinerante. Jesus foi muito itinerante. O Povo de Deus sempre foi visto como “a caminho”. Mas não se pode apenas projetar a atenção sobre o caminhar. Enquanto se caminha, vive-se. Viver é o central. Como dizia José Ortega y Gasset: “Não se vive para pensar — caminhar —, mas se pensa para poder viver com mais sentido”. Também não podemos cair na tentação de acreditar que tudo na vida é inseguro, como se a vida fosse um caminhar sobre águas. Um grande desafio é exatamente ver o que perpassa nossa vida e o que é mutável. Ou seja: como manter a identidade na diferença, na mudança?

Todos nós vivemos de metas mais amplas ou menos amplas, metas mais imediatas ou menos imediatas. Também precisamos admitir que todos queremos ser melhores. A fixação no mal provoca muito sofrimento e algum ganho secundário. Pode incluir alguma dose de vingança ou resistência, bem como incapacidade de superação. Mesmo a pessoa que odeia sofre muito. Ninguém quer sofrer por sofrer se estiver relativamente sadio existencialmente. Portanto, precisamos continuar assumindo que o profundo do coração humano é bom e quer amar e ser amado.



Para um crescimento adequado, é preciso criar frustrações existenciais otimizadas, ou seja, colocar desafios proporcionais à capacidade das pessoas e dos grupos.<sup>9</sup> Uma exagerada ansiedade é paralisante; a falta de ideais paralisa igualmente. Demasiada confiança na inteligência e na vontade pode frustrar planos de caminhada. Desconsideração da importância da inteligência e da vontade cria mediocridades que levam ao tédio. O caminho desafiador do avançar requer a satisfação ou realização de alguns pressupostos:

- a) tornar as pessoas e os grupos livres de seus mecanismos de insegurança e de fixação no passado imaturo;
- b) apresentação de ideais e metas claras, mas existencialmente possíveis;
- c) lideranças e grupos com consciência de sua responsabilidade histórica para ser a geração dos que avançam;
- d) ampla unidade existencial a partir do nível espiritual;
- e) profundo engajamento cristão junto àqueles que Deus envia a nosso encontro;
- f) estruturas encorajantes de um empenho existencial como consagrado por toda a vida.

## Conclusão

O convite veemente de avançar feito para esta nossa geração se defronta com cosmovisões que podem sobrevalorizar a instabilidade e a dificuldade. Contudo, realisticamente, abrem os olhos à realidade objetiva presente em cada ser humano e nos grupos. Para poder avançar realisticamente, é preciso contar com uma boa compreensão do ser humano, dos grupos e das culturas. Concomitantemente, é necessário considerar os obstáculos à caminhada em seu início, em seu percurso e em sua meta. Também há facilitadores deste "avançar". Além de algum desafio, é preciso criar condições favoráveis para o avançar desta nossa geração.

9. RULLA, M.  
*L. Antropologia da vocação cristã*. São Paulo: Paulinas, 1987. Ao tratar da experiência dos papéis apostólicos, dá-lhes quatro características: existenciais, proporcionais, integradoras e acompanhadas. Cf. pp. 492-497.

***Questões para ajudar a leitura  
individual ou o debate em comunidade***

1. Quais são as características de “Egito, deserto, mar, terra prometida” que percebemos em nós, em nossas comunidades e em nossa realidade mais ampla?
2. Quais os maiores obstáculos deste caminhar que encontro em mim, na instituição?
3. Quanto consideramos os obstáculos afetivos e culturais que interferem na caminhada e no crescimento?
4. Quais facilitadores posso desenvolver em mim e na minha comunidade para que a “travessia” seja expressão de paz, verdade e amor?

## Mulheres da Bíblia a serviço da vida. Interpelações à Vida Religiosa

MERCEDES LOPES, MJC\*

### *Introdução*

Diante das sérias questões colocadas pelo processo acelerado de globalização da economia, a Vida Religiosa Consagrada busca nutrir o sonho de colocar como eixo de sua vida e de sua organização o Reino de Deus, anunciado por Jesus. Para isso, procura ter uma clareza maior sobre a luta que precisa empreender para que o Reino de Deus seja uma realidade no dia-a-dia das comunidades religiosas e no mundo de hoje. Um meio para alcançar essa compreensão é analisar a fundo como está o anti-Reino e fortalecer a resistência e a esperança, através de uma espiritualidade integradora e comprometida.

Ao fazer uma análise do anti-Reino, a VRC percebe que também ela sofre o impacto da cultura do consumo que se impôs sobre a sociedade de maneira sutil e ao mesmo tempo agressiva. Percebe que a desesperança e o individualismo que caracterizam a sociedade de consumo penetram os espaços das casas religiosas. Nota, porém, que há uma nova esperança em ação, gerada por testemunhos como o jejum de dom Luiz Cappio e o martírio da irmã Dorothy Stang. A postura evangélica desses religiosos vem gerando uma discussão crítica a respeito de uma “cristandade” e de um “fundamentalismo” que impedem a participação lúcida e livre de cristãos e cristãs na construção de um país democrático. Ao mesmo tempo, tal discussão reafirma o imperativo ético da vida dos pobres como critério de julgamento de qualquer projeto político e da autenticidade de um plano congregacional.

#### \* Irmã Mercedes

**Lopes** é teóloga, licenciada em Bíblia. Mestre e doutora em Ciências da Religião, é membro da Equipe de Reflexão Bíblica da CRB-Nacional. **Endereço da autora:** Rua Fátima Goulart, 72/101, Centro, cep 26551-520, Mesquita-RJ. Tel. (21) 2696-0352. E-mail: lopesmercedes@hotmail.com.

Outro problema que afeta a VRC, hoje, é a questão da preservação das identidades culturais, diante da lógica de um mercado de acento fortemente transnacionalizado. A imposição dessa nova cultura gera o medo da perda ou do desgaste das memórias específicas. Com receio de perder a identidade própria, toma-se muito tempo com a criação de espaços e centros para arquivar a memória dos fundadores, para mostrar de maneira criativa a história de cada Congregação. É certo que essas iniciativas vão possibilitar uma riqueza enorme de dados históricos para o futuro.

Mas há o perigo de que voltemos o olhar mais para dentro da própria Congregação do que para a conjuntura eclesial e sociopolítica, onde estão presentes as interpelações de Deus à VRC para que avance e realize sua missão no mundo. Nesse sentido, um forte apelo do *Documento de Aparecida (DA)* é para termos uma postura de escuta e de abertura diante dos desafios da sociedade atual, para que sejamos de fato “discípulos e missionários de Jesus Cristo” e nossa missão possa contribuir para a vida dos povos latino-americano e caribenho (DA, n. 19).

Entre as questões econômicas, temos a crise global do crédito, do financiamento da economia no seu conjunto, e as exigências legais do Estado para o funcionamento das obras e dos projetos congregacionais. Por isso a administração financeira demanda uma grande inversão de energia e de tempo. Pessoas competentes são retiradas da missão específica dos institutos religiosos para realizar tal serviço. Por outro lado, a VRC sente-se impotente para mudar as tendências do grande capital, que não considera a vida humana nem a saúde do planeta ao elaborar seus projetos econômicos.

Que fazer? Que iniciativas tomar? Com quem se associar para conseguir mudanças estruturais internas e interagir com a sociedade, provocando transformações sociais urgentes, já que uma escandalosa desigualdade, símbolo claro do anti-Reino, não somente continua, mas cresce cada dia mais. Por causa dessa desigualdade, doenças ligadas à pobreza, como diarreia, desnutrição, malária e tuberculose, matam cerca de 33,5 mil pessoas por ano no Brasil. A situação

da mulher e a violência sexual contra crianças e adolescentes representam outro desafio para a VRC, já tão assoberbada de trabalhos e compromissos.

Sem pretender dar uma resposta para tantos desafios, quero somente apresentar algumas mulheres bíblicas como interpelação e como inspiração para a VRC. São mulheres que, em momentos de crise, tiveram criatividade e fé suficientes para gerar situações novas e encontrar saídas alternativas para a sociedade do seu tempo.

### ***Ser participante indispensável<sup>1</sup> na caminhada***

A libertação dos hebreus escravizados no Egito somente foi possível pela solidária transgressão das parteiras que não cumpriram as ordens do faraó (Ex 1,15-18) e ainda tiveram a ousadia de elogiar as mulheres hebréias, dizendo que “elas são cheias de vida” (Ex 1,19).

Moisés não teria sobrevivido, nem o êxodo teria acontecido, sem a criatividade e a audácia de Jocabed, a mãe de Moisés (Ex 2,3; Nm 3,20) e a atenção contínua e corajosa de Miriam, que, de longe, observava e acompanhava o que ia acontecer com o menino (Ex 2,4). A audaciosa transgressão iniciada pelas parteiras tem sua seqüência em ações corajosas da mãe e da irmã de Moisés, chegando até à filha do faraó (Ex 2,5-10). Dessa maneira, elas tecem uma história profundamente humana e subversiva da sobrevivência de um menino hebreu, bem nas barbas do Faraó.

Moisés é criado e amamentado pela mãe, que ainda recebe um pagamento pelo serviço prestado (Ex 2,9-10). Depois do tempo em que foi amamentado e cuidado pela mãe, Moisés passa a viver na casa do faraó e recebe a capacitação necessária para desenhar as estratégias de saída do Egito (Ex 14). Dessa maneira, em solidária transgressão, as mulheres decidem não somente a sobrevivência de Moisés, mas a libertação de um povo. Moisés, o menino salvo das águas, é símbolo do novo povo que nascerá da experiência do êxodo.

1. Ser indispensável na caminhada não significa que sem a nossa participação a sociedade não será transformada. É que sem essa participação lúcida, inteira e amorosa nas lutas pela vida, em suas múltiplas dimensões, a VRC não avançará. São os passos conjuntos na luta que nos darão a coragem e a criatividade necessárias para avançar.

Essa audaciosa atuação das mulheres que enfrentaram o faraó para salvar os meninos hebreus<sup>2</sup> fica na memória do povo bíblico. Uma delas, Miriam, continua assumindo um papel importante na caminhada através do deserto. Sua experiência e perspicácia conquistam a confiança e o bem-querer do povo em marcha. Ela, Moisés e Aarão organizam e lideram a difícil e perigosa travessia por uma região inóspita em direção à terra da promessa. Embora os três irmãos tivessem funções diferentes, todos eram significativos para o povo que saía do cativeiro. Mas parece que houve conflitos de liderança entre eles.

O livro dos Números apresenta Miriam e Aarão criticando Moisés (Nm 12,1) e perguntando-se: “Acaso o Senhor falou só por Moisés? Não falou também por meio de nós?” (v. 2). Como castigo por essa crítica, Miriam fica leprosa (v. 9) e Aarão intercede por ela junto a Moisés, que clama ao Senhor em favor de Miriam. Então, “Miriam ficou confinada fora do acampamento durante sete dias, e o povo não se moveu do lugar enquanto ela não foi readmitida” (v. 15).

A reação do povo, recusando-se a continuar a caminhada pelo deserto sem Miriam, demonstra que ela é muito significativa na marcha que realizam em direção à vida e à liberdade. Esse texto bíblico nos questiona, nos interpela e leva-nos a buscar entender o que realmente motivou o conflito entre Miriam, Aarão e Moisés. Se os três irmãos recebem “palavra do Senhor”<sup>3</sup> (cf. Nm 12,2) e se colocam a serviço do povo, cada um com sua função, por que não conseguem assumir uma liderança solidária e igualitária entre eles? Quando o povo hebreu vivia em uma situação de escravidão, mulheres de diferentes etnias, idades e condição social<sup>4</sup> viveram uma cumplicidade que possibilitou a fuga para a liberdade.

Lá, no Egito, a transgressão solidária das mulheres foi um fator indispensável para a realização do êxodo (Ex 1,15; 2,1-10). Agora, na travessia em direção à terra prometida, em vez de solidariedade entre diferentes há conflito entre irmãos. Por trás da crítica e da queixa de Aarão e Miriam, não estará havendo uma centralização do poder na pessoa

2. A transgressão solidária das mulheres do Êxodo pode ser vista como memória de resistência e chega-se a perguntar se não seriam memórias de mulheres. Veja: PEREIRA, Nancy Cardoso. Êxodo: geografia e população. In: VV. AA. *Bíblia e vida: tendo com fios ecofeministas*. São Leopoldo: CEBI-Con-Texto Editora, 2002. pp.18-29. (Série A Palavra na vida, nn. 177-178).

3. Veja que Miriam é chamada de profetisa em Ex 15,20.

4. Em Ex 1,15-2,5, encontramos a transgressão de parteiras egípcias, que se solidarizaram com mulheres hebréias; a cumplicidade de mulher adulta (Jocabed) e menina (Miriam) para inventar uma estratégia de sobrevivência para o menino; a mulher escrava e a filha do faraó se associam para salvar a vida do menino e lhe dão o nome: Moisés = salvo das águas.

de Moisés?<sup>5</sup> Além disso, se foram os dois irmãos que criticaram Moisés e reclamaram sua participação na liderança, por que somente Miriam recebeu o castigo? Por que Aarão foi poupado? Podemos encontrar, aqui, uma relação que persiste ainda hoje entre gênero e poder, mantendo um estereótipo da mulher como culpada e, conseqüentemente, inferiorizada.

Esta reflexão pode contribuir para que a VRC possa mudar o olhar sobre a pessoa de Miriam e descobrir a importância de sua presença na caminhada do Povo de Deus. Que esta descoberta nos ajude a aprofundar um pouco mais a reflexão sobre as relações de poder e as causas dos conflitos comunitários e entre as lideranças que conduzem o Povo de Deus hoje. Quais as causas desses conflitos? Afinal, o poder na VRC é circular, é partilhado? A participação, a colegialidade e a co-responsabilidade fazem parte das novas formas de governo na VRC? Essas novas formas de governo estão fazendo avançar a caminhada e gerando audaciosas solidariedades nestes tempos de travessia?

### ***Celebrar a memória e abrir caminhos novos***

Depois da passagem do Mar Vermelho (Ex 14), encontramos Miriam liderando uma celebração do acontecimento que marcou definitivamente a história do povo da Bíblia. Junto com as mulheres, ela canta e dança a vitória contra os que escravizavam seu povo, fazendo uma interpretação teológica do triunfo sobre o exército do faraó, da saída do Egito, a conquista da libertação do cativeiro.

- “Miriam, a profetisa, irmã de Aarão, apanhou um tamborim, e atrás dela saíram todas as mulheres tocando pandeiro e dançando, enquanto Miriam lhes repetia: ‘Cantai ao Senhor, porque estupenda foi a vitória; cavalo e cavaleiro ele jogou no mar’” (Ex 15,20-21).

Com um instrumento na mão e o corpo em graciosos movimentos, ela desperta a comunidade para olhar de maneira nova os fatos acontecidos, mostrando a presença libertadora de Deus no meio do seu povo em marcha. Não foi a

5. Veja mais sobre a centralização do poder na pessoa de Moisés em Ex 18.

coragem e ousadia de Moisés nem as estratégias de guerra que ele aprendeu na escola do faraó que possibilitaram a vitória. Foi o braço do Senhor que defendeu aquele grupo de escravos e transformou suas vidas. Em vez de escravos, tornaram-se um grupo autônomo, desafiado a fazer caminho e a construir uma nova história. Assim, Miriam torna-se uma teóloga que interpreta a experiência feita e desvela o que está por trás dos acontecimentos. Mostra quem está conduzindo a comunidade e confirma a importância de ousar seguir em frente, avançar em direção à liberdade oferecida pelo Senhor.

Profetisa, ela mostra que não basta atravessar o Mar Vermelho, não basta sair da escravidão do Egito (Ex 3,7; 14,30) para uma terra onde corre leite e mel (Ex 3,8.17), mas é preciso construir um futuro inédito. Ela anima o povo a avançar por uma terra desértica e sem caminhos definidos, na certeza do poder de Deus e no envolvimento comprometido e ousado em um projeto de autonomia e vida boa para todos.<sup>6</sup>

Somente esta certeza de que Deus está no meio da comunidade pode gerar a coragem e a ousadia de seguir em frente, até conquistar a autonomia e a liberdade que sonham. Ao celebrar o poder do Senhor, dançando com suas companheiras de caminhada, ela está afirmando que a única garantia para avançar na caminhada e tecer uma história testemunhal é a entrega ativa e criativa nas mãos de Deus.

A dança de Miriam se tornará uma prática das mulheres bíblicas. No tempo dos juízes, encontramos a filha de Jefté esperando a chegada do pai, depois da vitória contra os amonitas (Jz 11,32-33). Em uma espontânea celebração, ela dança ao som de tamborins. Louva a força do Senhor que conquistou a vitória contra os inimigos do povo. Essa foi uma celebração que lhe custou a vida, pois Jefté tinha feito um voto de oferecer em sacrifício a primeira pessoa que encontrasse ao regressar a casa.

- “Quando Jefté voltou para sua casa em Masfa, sua filha veio-lhe ao encontro dançando ao som do tamborim” (Jz 11,34).

6. Segundo Nm 20,1, Miriam faleceu no deserto de Sin, entre Cades e Moab, e ali foi sepultada. Isso significa que ela fez uma longa travessia com o povo bíblico, pois já estavam próximos da terra prometida, ao sul do Mar Morto.



Aqui, podemos interromper nossa reflexão para questionar a visão de Deus que tinha Jefté. Ele achava que Deus gosta de sacrifícios e que protege aqueles que imolam a vida de outras pessoas para fazer-lhe oferendas e prestar-lhe culto. Também podemos perguntar-nos pela cultura e pela religião que produziu esta imagem de Deus e verificar se ela ainda está presente em nossos dias.

Embora essas questões sejam muito importantes, quero seguir o foco desta reflexão, cujo objetivo é mostrar a importância e a maneira de as mulheres bíblicas fazerem uma leitura teológica dos fatos que marcavam sua história. Quero resgatar a força da liderança de Miriam, no tempo da organização do povo, gerando uma espiritualidade alegre e comprometida com a vida de todos. Uma espiritualidade que usa todo o corpo e não somente palavras para fazer memória, integrando através da arte todas as expressões corporais, como sentimentos, sexualidade, audição, ritmo e movimentos, para fazer memória das experiências do passado e criar coragem para inventar um futuro inédito.

A atuação criativa de Miriam animando a dança das mulheres do outro lado do Mar Vermelho foi tão importante que ela será repetida ao longo dos séculos. Encontramos essa tradição da dança e interpretação dos fatos cerca de duzentos anos mais tarde. No final do tribalismo e começo da monarquia, os filisteus invadiam o território dos israelitas e os desafiavam com a força de Golias. A saga mostra um jovem pastor, Davi, matando o gigantesco guerreiro filisteu com uma pedra do seu estilingue, dispersando, assim, o exército inimigo.

- “Na chegada das tropas, quando Davi retornou do massacre dos filisteus, as mulheres de todas as cidades de Israel saíram ao encontro do rei Saul dançando e cantando alegremente ao som de tamborins e címbalos. E, enquanto dançavam, diziam em coro: ‘Saul matou aos milhares, Davi, às dezenas de milhares’” (1Sm 18,6-7; 21,12; 29,5).

Esses textos manifestam que, a partir da iniciativa de Miriam, as mulheres celebravam a vitória sobre os inimigos fazendo uma interpretação teológica e bem-humorada dos

acontecimentos mantendo viva a memória histórica e a identidade do povo bíblico. Dançando e cantando, cheias de poder e de alegria, elas faziam avançar a caminhada.

Passaram-se os séculos e, por volta do ano 150 a.C., vamos encontrar a narrativa de Judite: um poderoso exército estrangeiro havia cercado a cidade de Betúlia e cortado a água durante três meses. “Desfaleciam seus pequeninos, e as mulheres e os jovens, esgotados pela sede, caíam nas ruas da cidade e nas passagens das portas, sem mais força alguma” (Jt 7,22). Os chefes não encontravam uma saída para tal situação (Jt 8). Então, Judite bolou uma estratégia, arriscando sua própria vida para realizá-la. Bela, atraente e sábia, ela penetrou no acampamento e venceu o exército inimigo. Ao regressar a Betúlia, congregou seu povo e presidiu uma celebração de reconhecimento ao poder do Senhor, que defende a vida e a liberdade de todos.

- “Todas as mulheres de Israel acorreram para vê-la e bendizê-la, e organizaram uma dança em sua homenagem. Ela tomou ramos em suas mãos e os deu às mulheres presentes. Coroaram-se com ramos de oliveira, ela e suas companheiras, e pôs-se à frente de todo o povo, dirigindo a dança de todas as mulheres. Seguiam-nas os guerreiros de Israel, com coroas e cantando hinos. Então, Judite entoou esta ação de graças diante de todo o Israel, enquanto o povo todo retomava esta louvação do Senhor: [...]” (Jt 15,12-14; 16,1-17).

Ao fazer memória dessas mulheres bíblicas que mantiveram a identidade do seu povo, levando-o a ter um novo olhar sobre os acontecimentos que marcaram sua história, trago uma luz para ver de perto a caminhada da VRC. Pergunto-me pela criatividade que temos ao relacionar e reinterpretar a experiência fundante de nossas congregações religiosas. É o testemunho da vida doada ao serviço do Reino de Deus, entrega feita na liberdade e no amor, que faz da celebração da memória uma interpretação teológica, uma fala atual e profunda sobre a presença atuante de Deus na história da comunidade.

Além disso, o uso da linguagem simbólica e o envolvimento dos corpos, a vibração e a convicção com que se faz memória geram identificações novas e fazem arder o coração de quem é jovem e de quem já faz caminho há muitos anos. Quando “o coração pega fogo”, doamos a vida na liberdade e no amor “sem medir nem calcular”. Vidas doadas a serviço do Reino supõem uma visão crítica do anti-Reino, das características da dominação globalizada, do império da morte. A entrega lúcida e audaciosa de comunidades religiosas que realizam projetos solidários em defesa da vida ameaçada fortalece a resistência e a esperança dos pobres.

### ***Um sinal persuasivo da presença do Reino de Deus***

Ao delinear o horizonte que atualmente provoca o olhar e o coração da VRC, a XXI Assembléia Geral Extraordinária, de julho de 2007, indica que, “em meio às profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos interpela: *avancem* (Ex 14,15)”. O compromisso solidário com a defesa da vida e o cuidado com o meio ambiente necessitam ser sustentados por uma espiritualidade encarnada e profética. A presença solidária da VRC no meio do povo é ao mesmo tempo testemunho, anúncio e sinal do Reino de Deus.

A vivência desse testemunho exige a superação de muitos desafios, entre eles o de resgatar o discipulado de iguais, iniciado por Jesus. Para ser anúncio e sinal do Reino de Deus, precisamos “ampliar as alianças intercongregacionais, as redes e parcerias, na formação e na missão”,<sup>7</sup> deixando a competição e as buscas paralelas entre as diferentes congregações religiosas femininas e masculinas.

Avançar em meio aos desafios do mundo globalizado e excludente supõe a retomada consciente e apaixonada do seguimento de Jesus. Um Jesus que “caminhava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa-Nova do Reino de Deus, acompanhado por homens e mulheres” (cf. Lc 8,1-3). Também elas “tinham seguido Jesus desde a Galiléia” e são

testemunhas da sua crucifixão (cf. Lc 23,49). Marcos usa três verbos para descrever o discipulado das mulheres que estão ao pé da cruz: *seguiram*, *prestavam* e *tinham subido* com ele para Jerusalém” (Mc 15,40-41). É interessante observar que o verbo “tinham subido” (*synanabainein*) aparece somente duas vezes no Novo Testamento. Em Mc 15,41 e em At 13,31, onde se afirma que, “durante muitos dias, ele foi visto por aqueles que o acompanharam [tinham subido] desde a Galiléia até Jerusalém e que agora são suas testemunhas diante do povo”. Essa afirmação demonstra que as discípulas e os discípulos da Galiléia são igualmente apóstolos, isto é, testemunhas qualificadas da vida, morte e ressurreição de Jesus. Algo inédito naquele contexto cultural.

Junto com os homens, as mulheres são apresentadas como verdadeiras discípulas que, libertas de tudo o que as prendia, seguiram Jesus até o calvário. Em Mc 8,34, Jesus deixa claro que quem quiser segui-lo tem de tomar a sua cruz. Mais adiante, fala de perseguições em meio aos bens que receberão aqueles e aquelas que, deixando tudo, o seguirem (Mc 10,28-30). Isso significa que as discípulas e os discípulos têm de assumir, junto com o Mestre, o risco de serem assassinados pelos poderosos do seu tempo para serem fiéis ao projeto de vida em plenitude para todas as pessoas.

O testemunho, o sinal forte do Reino de Deus que o mundo de hoje precisa, é essa paixão que leva pessoas lúcidas e cheias de vida a abandonar tudo e seguir Jesus até o extremo de dar a própria vida para defender a vida fragilizada, tanto a vida humana como o meio ambiente. E esse testemunho (*martyria*) tem maior força quando é comunitário, realizado em correntes de solidariedade gratuita, amorosa, organizada e articulada.

Atualmente, discute-se muito a questão vocacional. Temos receio de que o pequeno número de jovens que entram para a VRC e nela permanecem possa comprometer o seu futuro. Mas o aspecto fundamental da nossa vocação, que é o testemunho profético, não depende do número, da quantidade de pessoas que o vivenciam, mas da capacidade

que a comunidade tem de intervir na sociedade e de tornar vigente o projeto de Jesus.

## **Conclusão**

Em nossa sociedade, que se move a partir da lógica individualista e excludente do neoliberalismo, a transgressão solidária das parteiras do Egito, de Jocabed, de Miriam, da filha do faraó e das discípulas da Galiléia nutre nosso sonho de vivenciar uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero.<sup>8</sup>

Conscientes das grandes questões sociais e culturais do nosso tempo, somente poderemos avançar em direção ao desconhecido e inventar novos passos para uma VRC atraente e significativa se cultivarmos uma espiritualidade que nos sustente nesta insegura travessia. A fé na ressurreição de Jesus Cristo nos leva a afirmar, com nossa própria vida, que outro mundo é possível, que é possível outra VRC mais ágil no anúncio do Reino, mais livre do peso institucional.

Se nos *re*-apaixonarmos pelo Reino de Deus e assumirmos com liberdade e convicção a luta dos pobres por políticas públicas que garantam suas vidas e por seus direitos de moradia, educação, transporte etc.; se, em vez de deixarmos dominar pela desesperança, buscarmos tecer redes de solidariedade, inspiradas pelo Espírito que tudo *re*-cria, seremos significativas para o povo e encontraremos o sentido da nossa consagração a Deus no mundo de hoje.

Estamos convencidos(as) de que o projeto Jesus supõe a solidariedade e inclui as novas relações do Reino: a justiça, a generosidade, o respeito, a compreensão, a tolerância, a ajuda, o afeto e a entrega que forjam a unidade entre os seres humanos. A solidariedade é manifestação da presença de Deus no meio de nós. Ela é expressão do amor que leva as comunidades religiosas a formarem um corpo solidário, articulado e comprometido na transformação da sociedade. É nesse ambiente de comprometida e articulada solidariedade que se dá uma formação inicial integrada, humanizante<sup>9</sup> e

8. Prioridade 2

9. Prioridade 3.

geradora de pessoas novas, de novos espaços e significativas expressões da VRC no mundo de hoje.

***Questões para ajudar a leitura  
individual ou o debate em comunidade***

1. Qual a análise que fazemos do anti-Reino? Quais as suas manifestações hoje?
2. Que fará avançar a caminhada da VRC neste contexto histórico desafiador? Onde e como aprenderemos os novos passos que Deus nos está pedindo?
3. Que mística sustenta nossa entrega e faz arder o nosso coração? Que ações concretas ela inspira?
4. Com que grupos tecemos histórias de libertação, realizando audaciosas e solidárias transgressões, a fim de que a vida seja mais plena e feliz para todas as pessoas?

## Paulo Apóstolo: suas três grandes viagens missionárias

AGENOR GIRARDI, MSC\*

### *Arriscar tudo por causa do Evangelho*

Jerusalém é o centro de onde parte toda ação missionária. Em Jerusalém é que Jesus ressuscitou. Aí começa o caminho da Igreja. No dia de Pentecostes, Lucas enumera os povos que estavam presentes em Jerusalém. No decorrer das três viagens de Paulo, ele mostra como esses e outros povos vão sendo envolvidos pela pregação do Evangelho (At 2,9-11). Conforme os Atos dos Apóstolos, a vida de Paulo foi marcada por três grandes viagens missionárias. Além dessas, há uma quarta viagem até Roma, onde ele permanece como prisioneiro. É em Roma que, a exemplo de Cristo, ele sofrerá o martírio. Pelo fato de Paulo ser cidadão romano, não podia ser crucificado na cruz. Por isso foi decapitado pela espada. Ao todo, foram uns quinze anos de andanças, por terra e por mar, milhares de quilômetros percorridos. Naquela época, só as grandes estradas do Império possuíam algum lugar de pouso para os viajantes. Nas demais estradas não havia segurança nem lugar para hospedar-se. Os perigos dos assaltos eram constantes. Ninguém se arriscava a viajar sozinho. Costumava-se viajar em grupos ou em caravanas. Quem viajava sozinho, corria risco de vida. A parábola do bom samaritano mostra isso (Lc 10,25-37). Havia até empresas que, em troca de um bom pagamento, ofereciam proteção aos viajantes. Paulo não tinha nada disso. Enfrentava perigos de todo tipo. Ele mesmo descreve seu diário de viagem:

[...] três vezes, fui batido com varas; uma vez, apedrejado; três vezes naufraguei; passei uma noite e um dia em alto-mar; fiz

\* **Padre Agenor Girardi** é teólogo, mestre em Espiritualidade. Orientador de retiros, acompanha *noviter* e *juniter*.  
**Endereço do autor:** Rua União da Vitória, 272, Vila Nova, cep 85601-970, Francisco Beltrão-PR.

inúmeras viagens, com perigos de rios, perigos de ladrões, perigos da parte de meus compatriotas, perigos da parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos em regiões desertas, perigos no mar, perigos por parte de falsos irmãos; trabalhos e fadigas, inúmeras vigílias, fome e sede, freqüentes jejuns, frio e nudez; [...] (2Cor 11,25-27).

Naquele tempo, a navegação era perigosa em qualquer estação do ano, sobretudo a partir do outono. No inverno, era praticamente impossível navegar, por causa das constantes tempestades.

### ***A primeira viagem de Paulo (At 13-14)***

Tem como ponto de partida a cidade de Antioquia, na Síria, que na época era uma das cidades mais importantes do Império Romano. Calcula-se que tinha quinhentos mil habitantes. Paulo se dirigiu em primeiro lugar aos judeus e, com a vinda de alguns cristãos de Chipre e de Cirene, se estendeu também aos gregos. A nova Igreja nasce ligada à Igreja-mãe de Jerusalém, graças ao envio de Barnabé. E Lucas lembra que foi em Antioquia que “os discípulos foram, pela primeira vez, chamados com o nome de ‘cristãos’” (At 11,26). Nesta primeira viagem, Paulo fica perto de casa. Não sai da Ásia. Só anda pelas regiões que ele conhece, tais como: Cilícia, Panfília, Pisídia, Icônio, Listra, Derbe, ilha de Chipre.

Na primeira viagem, Paulo não fica muito tempo no mesmo lugar, mas vai seguindo, de cidade em cidade. O método de missão é este: chegar num lugar, anunciar o Evangelho, criar comunidades e logo seguir em frente. Não se tem notícia de que Paulo tenha escrito alguma de suas cartas apostólicas durante a primeira viagem, que aconteceu entre 46-48 de nossa era cristã. Entre a primeira e a segunda viagem realizou-se o I Concílio Ecumênico de Jerusalém, o chamado “Concílio apostólico”. A conclusão pastoral mais importante foi tomada: os cristãos não-judeus, ou seja, os pagãos, não são obrigados a seguir a Lei de Moisés e nem à prática da circuncisão.



## ***A segunda viagem de Paulo (At 15,36–18,22)***

O ponto de partida é, novamente, Antioquia. Paulo, na segunda viagem, leva consigo Silas e não mais Barnabé: “[...] A discordância se agravou a tal ponto que cada um foi para seu lado. Barnabé tomou consigo Marcos e embarcou para Chipre. Paulo escolheu Silas e partiu, recomendado pelos irmãos à graça do Senhor; [...]” (At 15,39–40). Os conflitos se fazem sentir também entre as lideranças da Igreja. Todavia não chegam a paralisar o anúncio do Evangelho. Limitam-se a diversificar os estilos e métodos de pastorais, porém são conduzidos pelo “mesmo Espírito”.

Na segunda viagem, Paulo vai para além das fronteiras da Ásia, entra na Europa, mas não tem muita certeza quanto ao rumo a ser tomado. Ele quer ir numa direção, mas o Espírito manda ir a outra. Filipos é a primeira cidade da Europa a receber o Evangelho. Ao passar por Listra, Paulo também levou consigo, como companheiro de viagem, Timóteo. Ele é mencionado, ou estará sempre junto, quando Paulo escreve suas cartas. Os cristãos de Filipos sempre foram os mais ligados a Paulo e por diversas vezes o socorreram com auxílio material.

A permanência de Paulo em Atenas serve de ocasião para mostrar a dinâmica do anúncio de Jesus Cristo dentro de uma sociedade idolátrica e intelectualista. Na segunda viagem, Paulo continua andando de cidade em cidade, criando comunidades, mas, ao mesmo tempo, ficando mais tempo num mesmo lugar. “Permaneceu um ano e meio na cidade de Corinto” (cf. At 18,11). A fundação da comunidade de Corinto foi uma das obras mais importante de Paulo e marcou o caminho do Evangelho para o Ocidente.

Trata-se de uma nova etapa, pois Paulo rompe com os judeus e se dirige aos pagãos. Foi aí que Paulo escreveu as duas cartas aos Tessalonicenses (entre 50 e 51), que são os primeiros escritos do Novo Testamento. A segunda viagem de Paulo aconteceu entre 49 e 52 de nossa era cristã.

## ***A terceira viagem de Paulo (At 18,23-21,14)***

Também nesta viagem o ponto de partida é a cidade de Antioquia. Paulo, agora, vai direto para Éfeso e lá se fixa por três anos (At 20,31). Ele permanece também três meses em Corinto (At 20,3). O método de missão já é outro. Paulo procura irradiar o Evangelho a partir de um lugar central, enquanto as viagens servem para visitar e confirmar as comunidades já existentes. Éfeso é o terceiro centro de difusão do cristianismo, depois de Jerusalém e Antioquia. Lucas, narrando o episódio dos discípulos que só haviam recebido o Batismo de João Batista, destaca que a maturidade da fé cristã só se realiza através do Espírito de Jesus (At 19,4). Durante a terceira viagem, Paulo escreveu as duas cartas aos Coríntios, a Carta aos Romanos e a Carta aos Gálatas. Durante a prisão, Paulo escreveu as cartas aos Efésios, aos Filipenses, aos Colossenses e a Filêmon. A terceira viagem aconteceu entre 53 e 57 da nossa era cristã.

## ***A última etapa da vida de Paulo (At 21,17-28,31)***

Paulo tinha cerca de 52 anos de idade quando foi preso na praça do Templo de Jerusalém. Ficou na prisão durante quatro anos: dois anos em Cesaréia, na Palestina (At 24,27), e dois em Roma, na Itália (At 28,30). Depois foi solto e viveu mais cinco ou seis anos, até a nova prisão, que o levou à morte. As cartas pastorais, que são as duas cartas a Timóteo e a Carta a Tito, foram escritas nesta última etapa de sua vida, entre os anos 59 e 67 de nossa era cristã. Não se dirigem a uma comunidade, mas a pessoas individuais.

## ***A comunicação escrita***

Paulo foi quem criou a comunicação escrita para o Novo Testamento e foi aquele que mais escreveu. Suas cartas foram escritas antes dos quatro Evangelhos. São cartas para animar, corrigir e fortalecer a fé das comunidades por ele fundadas. Procuram iluminar, com a Palavra de Deus, os

problemas enfrentados pelas comunidades do seu tempo e do nosso tempo. Entre os anos 70 e 100 temos a redação dos Evangelhos. Foram escritos após a destruição de Jerusalém, no ano 70 de nossa era cristã. Paulo não inventa teorias, mas tenta, a partir das dificuldades encontradas, mostrar o que significa ser cristão naquele contexto histórico e social do primeiro século.

Assim, certas soluções que ele apresenta devem ser entendidas à luz da realidade que tais comunidades estavam vivendo. Hoje, é fácil escrever. Naquele tempo era diferente. As pessoas não tinham o costume de escrever nem tinham as facilidades que temos hoje. Escrever era complicado e exigia muita atenção. Quem queria escrever uma carta, precisava chamar uma pessoa especializada no assunto. Era também o que Paulo fazia. Ele mesmo ditava muitas coisas e o secretário escrevia. Tudo era escrito em pergaminhos, feitos com peles de ovelhas, preparados com alume, para que neles fossem registrados os escritos que se desejava conservar por muito tempo. Tais pergaminhos podiam ser raspados e reescritos novamente.

Também os papiros podiam ser utilizados para escritas e desenhos. No final da Carta aos Romanos, temos um exemplo disso. O secretário diz assim: “Eu, Tércio, que escrevi esta carta, vos saúdo no Senhor” (Rm 16,22).

## ***A abertura para o mundo***

Há uma passagem radical no anúncio do Evangelho. Da Igreja de Jerusalém, que é uma Igreja local, chega-se à Igreja de Roma, que tem caráter universal. De uma Igreja judaica e fechada chega-se a uma Igreja aberta a todos os povos. É só a partir de tal ótica que podemos compreender as cartas de Paulo e suas viagens missionárias. A expansão missionária foi conduzida pelo espírito aos lugares mais distantes da terra. O objetivo da ação missionária é atingir todas as nações: “Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra” (cf. At 1,8).

Jerusalém, que era ponto de chegada dos Evangelhos, agora é ponto de partida para a missão. Roma era “os confins da terra”. É lá que termina o livro dos Atos dos Apóstolos, com Paulo na prisão, falando com coragem e sem obstáculos: “[...] ele ensinava o que se refere ao Senhor Jesus Cristo” (At 28,31). Com a chegada de Paulo a Roma, Lucas encerra seu livro. Sendo a metrópole e capital do mundo pagão, Roma se estende em todas as direções da terra, abrindo-o para um futuro novo que surge no horizonte da Igreja nascente.

### ***Um novo horizonte***

A finalidade do livro dos Atos dos Apóstolos é mostrar que o cristianismo não era uma “seita fechada”, como muitos pensavam. Ao contrário, é “fermento na massa” que provoca questionamentos e conversões. Ele traz em si o testemunho de Jesus ressuscitado que denuncia toda injustiça e mentira. O apóstolo, no caso Paulo, e tantos outros, podem até estar acorrentados, mas nem por isso deixam de testemunhar: “Paulo morou dois anos numa casa alugada. Ele recebia todos os que o procuravam” (At 28,30).

Em Roma, Paulo, sendo cidadão romano, foi beneficiado por um regime especial, a chamada “custódia militar”. O prisioneiro podia morar numa casa particular, mas tendo o braço direito amarrado por uma corrente ao braço esquerdo de um soldado que o vigiava. Lucas não descreve a morte de Paulo.

#### ***Textos para oração***

- At 15,1-35: As controvérsias e o I Concílio de Jerusalém.
- At 16,16-40: Prisão de Paulo e Silas e a libertação maravilhosa dos dois.
- At 18,1-11: Fundação da Igreja de Corinto.

\* **Padre Luis I. Stadelmann** é teólogo, biblista e professor de Bíblia. **Endereço do autor:** Caixa Postal 135, cep 88010-970, Florianópolis-SC. E-mail: lstaadelmann@yahoo.com.br.

LUIS I. STADELMANN, SJ\*

## Introdução

1. A "Hipótese Gaia" foi apresentada por J. Lovelock, com apoio de L. Margulis, em 1969. Essa hipótese é vista com descrédito pela comunidade científica internacional. Encontra simpatizantes entre grupos ecológicos, místicos e alguns pesquisadores. Cf. ROCHA PINTO, H. Elementos químicos na evolução da galáxia. *Revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos*, ano 5, n. 172, pp. 28-31, mar/2006.

2. As eras glaciais situam-se no Hemisfério Norte, na época do quaternário, quando ocorreram as flutuações excepcionais do clima. Durante as eras interglaciais Mindel-Riss, entre 300 mil e 200 mil, como também as

O tema da vida é amplamente estudado nas ciências naturais e na teologia porque se trata da vida da Terra e do meio ambiente, onde o ecossistema em equilíbrio precisa otimizar-se para que a ecologia "da flora e da fauna" e a ecologia "humana" possam ser viáveis desde a origem até a sobrevivência dos seres vivos. Surgiram várias teorias para solucionar os problemas do mundo. Em 1969, surgiu a "Hipótese Gaia", afirmando que a vida da Terra é que cria as condições para a sua própria sobrevivência, não o contrário, como as teorias tradicionais sugerem.<sup>1</sup> Mas que dizer da vida na Terra em face dos desequilíbrios climáticos que hoje em dia causam tanta preocupação em âmbito mundial?

Teses científicas, baseadas em pesquisas geológicas, astronômicas, biológicas e físicas, propuseram estudos aprofundados sobre as várias causas das inversões climáticas. À luz da investigação das eras geológicas, há comprovação da ocorrência do fenômeno de aquecimento global a cada trinta mil anos nos períodos interglaciais. Esse aquecimento costuma ter a duração de mil anos até voltar ao normal.<sup>2</sup> Resta saber se a época atual se situa num período interglacial ou está em outra fase da história da Terra.

Entre as pesquisas recentes na área da *exobiologia* foram analisadas as hipóteses de vida em outros planetas, expandindo o conceito de vida e buscando vida inteligente ou não fora da Terra.<sup>3</sup> Mas convém assinalar que por ora não se encontrou nada e por isso não temos uma ciência com

objeto de estudo próprio. A única forma de vida que conhecemos somos nós mesmos.

Muito pertinente ao assunto em discussão é a abordagem de um aspecto importante da Bíblia que trata da *interioridade da vida*.<sup>4</sup> Quando os autores bíblicos do Antigo Testamento tratam desse assunto, visam a refutar crenças espúrias e que esporadicamente voltam à baila. Muito a propósito é o enfoque do Novo Testamento sobre o *evangelho da vida*, ao tratar do valor fundamental da vida humana por causa de sua participação na vida divina.<sup>5</sup>

Antes de entrar no estudo da noção acerca da vida na Escritura, é importante considerar a fenomenologia da vida humana.

## Fenomenologia da vida humana

Do ponto de vista científico, a vida é uma particular organização da matéria. A biologia molecular demonstrou que a substância vivente se distingue da não-vivente graças a um modo diferente e muito mais complexo de estruturação: a substância não-vivente (ou inorgânica) é constituída de moléculas bastante simples — por exemplo, a molécula da água é formada de um só átomo de oxigênio e dois de hidrogênio; a substância vivente ou orgânica, por sua vez, é constituída de moléculas extremamente organizadas e complexas.<sup>6</sup>

Se alguém pensasse que se poderia produzir a vida no laboratório, seria um processo muitíssimo difícil, já que entram em jogo muitos componentes imprevisíveis. No que tange à vida humana, será impossível para nós criar um ser humano por meio de clonagem, porque entram em questão dois elementos substanciais, corpo e alma. Ora, o corpo humano precisa da alma para dar-lhe forma e para começar a existir, no momento da união de ambos. Na Bíblia, ilustra-se essa união pelo alento divino que o Criador sopra nas narinas da figura de barro representando o protótipo de um ser humano (Gn 2,7).

eras interglaciais Riss-Würm, entre 100 mil e 50 mil, aconteceu o fenômeno do aquecimento global a cada 30 mil anos.

3. Cf. QUILLFELDT, J. A. A expansão do conceito de vida. *Revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos*, cit., pp. 8-11.

4. Cf. BOROS, L. Terá a vida algum sentido. *Concilium*, v. 10, n. 60, pp. 1211-1219, 1970. As energias do "ser humano exterior" não só se desgastam, mas convertem-se em "interioridade".

5. A expressão "evangelho da vida" visa a realçar o aspecto essencial da mensagem bíblica. Cf. JOÃO PAULO II. *Evangelium vitae*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1995. n. 2. (Coleção A Voz do Papa, n. 139).

6. MONDIN, B. O homem, quem é ele? *Elementos de antropologia filosófica*. 12. ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 47: "A vida humana".

As várias implicações que foram mencionadas mostram que para a origem de um ser inorgânico basta a intervenção do Criador no início, ao passo que para um ser orgânico precisa-se de duas coisas: a ação criadora (de um novo ser) e a ação conservadora (para mantê-la viva e preservá-la da extinção, embora plantas e animais tenham nas tendências e no instinto de conservação um poderoso estímulo de sobrevivência, desde que diminuam as devastações do planeta causadas pelos desastres ecológicos na atmosfera, nas águas e nos continentes).

Entretanto, o dom da vida se reveste de particularidades do respectivo ser, seja do mundo orgânico, seja vegetativo, seja animal. Afirmar que a vida é “dom” de Deus significa que não é um elemento natural da natureza humana. Ao ampliar o leque de seres vivos, sobressai o ser humano, pela *vida em comum*, aos seres irracionais, por ser criado “à imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,27). Essa hendiádis associa duas dimensões de autotranscendência do ser humano: “imagem” (*selem*), de ordem natural, i.e., inteligência, e “semelhança” (*demut*), de ordem sobrenatural, i.e., graça santificante.

## ***A vida humana no Antigo Testamento***

A “vida” — em hebraico: *ha-hayyîm*; em grego: *zōē*, que é distinto de *bios*, significando a vida orgânica, em comum com as criaturas dos reinos vegetal e animal. Em contraste, falando de “Deus vivo”, ressalta-se que Deus concede a vida e tem domínio sobre a vida, mas ele, pessoalmente, não se reduz a mero princípio de vitalidade. É importante notar que o conceito de vida, aplicada a Deus e à criatura, é mera analogia. Nisso há uma diferença fundamental entre o Deus de Israel e as divindades veneradas nas religiões dos outros povos do antigo Oriente Médio, onde havia concepções as mais diversas. Alguns concebiam a natureza dos deuses como divinização da força vital, significando, na verdade, uma identificação entre Deus e a vida.

Entretanto, a teoria da “divinização” da vida nada mais é do que uma contestação contra a legitimidade de qualquer forma de intervenção sobre a natureza, mormente a ação de Deus como Criador do mundo, cuja dependência consiste no desenrolar dos desígnios que por ele lhe foram traçados e sem que caíam nas mãos do destino cego. Outros faziam uma distinção bem nítida entre o Criador e o fenômeno da vida.<sup>7</sup> Quando, na Bíblia, se fala do *Deus vivo*, é para ressaltar que é uma pessoa e não um conceito genérico do mundo das idéias com função meramente epistemológica, sem consistência, a não ser que haja um ser inteligente para intuir e expressar idéias.

Na verdade, a palavra “Deus” é um conceito dinâmico que expressa ao mesmo tempo três aspectos, i.e., uma noção, como também presença e ação divinas.<sup>8</sup> Pois o ser humano, ao pensar ou falar de Deus, tem consciência de quem ele é, do que ele faz (como Criador e Benfeitor), e onde é que ele está.

O tema da *vida* aparece, no início da Bíblia, como dom de Deus. Quem se beneficia desse dom são as criaturas, situadas no meio ambiente, que também é obra da criação. Como é típico da mentalidade dos semitas, também o autor bíblico concentra sua atenção no *autor* e não tanto no dom por ele concedido às criaturas, como é típico na mentalidade Ocidental. Destarte, no relato da criação se ressalta o Criador, que é mencionado, no início, ao tratar da obra a ser realizada, por meio da Palavra de Deus e começando a sua ação a partir do nada, e no final se acrescenta a ponderação divina mediante um juízo valorativo: “Deus viu que era bom”. À luz desses dados bíblicos, podemos concluir que aí se trata de refutar a crença dos mitos pagãos sobre um demiurgo como causa instrumental da criação,<sup>9</sup> ou as forças da natureza, ou, então, o destino cego.

O objetivo principal do relato da criação na Bíblia não é só *refutar* crenças errôneas, mas sobretudo *ensinar* uma verdade que fora da Bíblia não é abordada, apesar de ser de importância fundamental à vida humana, a saber: o mundo possui sentido intrínseco independentemente da *práxis*

7. Cf. GERLEMANN, G. Verbete “Viver” (em hebraico. *haya*). In: JENNI, E; WESTERMANN, C. *Diccionario teológico manual del AT I*. Trad. J. A. Mugica. Madrid: Cristianidad, 1985. pp. 765-776. Original alemão: 1971.

8. Entre os conceitos dinâmicos são mencionados: “espírito”, “palavra” e “sabedoria”, porque se referem não só à noção, mas também à função que exercem na revelação divina registrada na Bíblia. Ora, a palavra “Deus” refere-se a determinadas categorias teológicas, mas designa, sobretudo, o Ser Absoluto pessoal, o Ser dinâmico, e a Presença divina na vivência da fé.

9. A palavra “demiurgo” entrou em uso na filosofia da cultura helênica para designar o “artífice” do universo, ao qual cabe a tarefa de organizar a matéria preexistente.



humana. Do mesmo modo, visa-se a conscientizar a humanidade de que a existência humana possui um sentido que é dado de antemão, independentemente de suas ações criativas na transformação da natureza. É esta uma verdade que se baseia na revelação divina da Bíblia, que, no relato sobre a obra da criação de Deus, ressalta a influência positiva de cada uma das seis fases (*dias*) na origem do mundo, explicitando-se a ponderação: “Deus viu que era bom” (Gn 1,1-31).

O elemento comum a todos os componentes do cosmo é sua relação com a *vida*, em contraste com o caos, onde falta vida e por isso não há sentido intrínseco no que se refere ao destino cego, ao fado, ou às forças caóticas da natureza. Se os estudos da moderna cosmologia descobrem que “o universo veio com defeito de fabricação”,<sup>10</sup> há alguns bilhões de anos atrás, todavia não se altera o fato de que as criaturas evoluíram num ambiente propício às condições da vida sobre a terra.

Na discussão sobre o tema referente à vida humana e ao ambiente vital, opõem-se radicalmente os pressupostos antropológicos propagados pelo humanismo prometético que vai dos filósofos do “idealismo alemão” (Kant, Fichte, Schelling, Hegel) ao negativismo (Nietzsche, Foucault e Deleuze), ao existencialismo ateu (Sartre e Camus), e ao materialismo dialético (Marx, Engels e Gramsci). Para esses filósofos, não é o “ser” da pessoa humana que tem valor, mas exclusivamente o “fazer” obras de caráter essencialmente pragmático. Fora disso, tanto o ambiente vital como também a vida humana não têm sentido nem valor em si porque tudo iria desembocar num vazio sem explicação.

Entretanto, se levarmos em conta o objetivo do relato bíblico sobre a criação do mundo, descobrimos os traços marcantes da “história da salvação” e não propriamente os da história do mundo. Por isso, convém distinguir entre o enfoque da cosmogonia nas especulações cosmológicas antigas e modernas para que possa surgir, de forma cada vez mais clara e nítida, a configuração da vida humana segundo os

10. Cf. a reportagem de Rafael Garcia, “Universo veio com defeito de fabricação”, no jornal *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 out. 2007, p. A29. Com base em algumas teorias, os cientistas procuram explicar a origem do universo a partir do “Big Bang”, e desde então teria ocorrido um defeito inerente às forças da natureza.

parâmetros da “história da salvação” que se desenrola sobre a face da Terra.

O que se visa, aí, é assinalar a dinâmica interior do gênero humano para o desabrochamento da inteligência, o alargamento dos horizontes do conhecimento, o despertar do ser humano para a amizade, para o domínio do mundo e para o amadurecimento do que há de melhor na pessoa humana até atingir a plenitude em suas relações com os outros seres humanos e com Deus. Como observa o papa João Paulo II:

Assim, diante da vida que nasce e da vida que morre, o ser humano já não é capaz de deixar-se interrogar sobre o sentido mais autêntico da sua existência, assumindo com verdadeira liberdade esses momentos cruciais do próprio “ser”. Preocupa-se somente com o “fazer” e, recorrendo a qualquer forma de tecnologia, moureja a programar, controlar e dominar o nascimento e a morte. Esses acontecimentos, em vez de experiências primordiais que requerem ser “vividas”, tornam-se coisas que se pretende simplesmente “possuir” ou “rejeitar”.<sup>11</sup>

A Bíblia fala dos três tipos de *vida* no relato da obra de criação (Gn 1,1-31), quando se trata da vida criada: vegetativa, sensitiva e racional, que surgiu por intervenção do Criador e não simplesmente por uma divindade do panteão de divindades da mitologia e do folclore antigo, seja por evolução, seja por geração espontânea. É de notar que no *terceiro dia* do relato da criação bíblica brotou a vegetação (vv. 11-13); no *quinto dia* vieram os peixes e os pássaros (vv. 20-23), finalmente, no *sexto dia* surgiram os animais terrestres e o homem (vv. 24-31).

Lembremos também a constatação das ciências naturais de que a vida não surge em planeta algum se não houver ali um ambiente com condições propícias a ela, por isso que se mencionam as obras divinas do *primeiro dia* (i.e., luz e energia vital) e o espaço sideral e terrestre, sem entrechoques com asteróides e ao resguardo das radiações nocivas (*segundo dia*),<sup>12</sup> e a influência dos astros que aparecem solitários ou em constelações nas várias estações do ano (*quarto dia*).

11. *Evangelium vitae*, n. 22.

12. Cf. GERAQUE, E. Grupo vê “berçário” de raios cósmicos. Observatório “Pierre Auger” identifica de onde partem os raros petardos ultra-energéticos que chegam até a Terra. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 nov. 2007, p. A 23.

Tratando-se da vida humana, levamos em consideração a antropologia hebraica, segundo a qual o ser humano, em todo o seu ser, é uma criatura unívoca, cujos componentes são: “carne” (*basar*: ser mortal), “alma” (*nefesh*: dinamismo vital difundido em toda a pessoa) e “espírito” (*ruah*: vida unida à sua fonte divina). Em contraste, a antropologia egípcia antiga concebe a criatura humana em termos de uma dupla natureza: a) terrestre, com propriedades materiais e espirituais; e b) celeste, que se identifica com a alma (*ba*), i.e., uma espécie de “sósia” existindo no céu.

Além do mais, a Bíblia situa o ser humano na terra, sem atribuir-lhe um “sósia” ou admitir que haja uma personalidade dupla, ambígua ou múltipla, como acontece, hoje, no caso dos espíritas, que recorrem à teoria da reencarnação das almas dos defuntos. A título de oferecer uma segunda chance a alguém que desperdiçou sua vida na terra, surgiu a idéia de arrebatá-la do dom da vida das mãos do Criador e transferi-la totalmente para as mãos da criatura, que pudesse passá-la a limpo, na suposição de que a vida possa existir independentemente do Criador. Lembremos que a vida humana, em todos os aspectos da antropologia física, metafísica e espiritual, é dom de Deus quanto à origem, natureza e duração, ao passo que a sobrevivência após a morte é assunto da fé na revelação divina.

O que nos impressiona no estudo dos textos bíblicos sobre o tema da vida humana é a relação *passado-atualidade* da Aliança sagrada que se torna presente na celebração litúrgica do Povo de Deus. Assim, a faculdade da “memória” tem função determinante na vivência litúrgica de eventos passados da “história sagrada” e na recordação dos antepassados que precederam à geração atual. Alguém poderia pensar que se trata de mero saudosismo de tempos idos ou do sentimento de nostalgia pelos falecidos se não se levar em consideração o tema de fundo, que trata da *união com Deus*. Na verdade, o argumento sobre a vida futura não deriva do folclore ou de crenças avulsas sobre a outra vida.

Analisando não somente a conclusão dessa argumentação sobre a fé na imortalidade da alma, é preciso atender também

ao teor da premissa que ressalta a importância da união com Deus nesta vida. Ora, a “união com Deus” nesta vida, para ser verdadeira e profunda, deve ser duradoura, por isso tem de ser *perene*, para além da morte. Assim reza o salmista:

No entanto, estou sempre contigo;  
tu me tomaste pela mão direita.  
Com teu conselho me guias  
e depois na glória me recebes.  
Que tenho eu em meu favor no céu?  
Fora de ti, ninguém mais desejo sobre a terra.  
Minha carne e meu coração desfalecem;  
rochedo do meu coração e minha porção  
é Deus para sempre! (Sl 73,23-26).

Nessa perspectiva é que adquirem significação mais profunda os textos bíblicos sobre a *capacidade* que Deus nos dá de participar da sua vida, como consta nos salmos:

No entanto o fizeste só um pouco  
menor que um deus,  
de glória e honra o coroaste (Sl 8,6).

[...] para livrá-lo da morte  
e nutri-lo no tempo da fome (Sl 33,19).

O Senhor dos exércitos está conosco,  
nosso refúgio é o Deus de Jacó (Sl 46,8).

Feliz quem escolhes e chamas para perto,  
para morar nos teus átrios (Sl 65,5).  
Ele nos recolocou entre os vivos  
e não permitiu que vacilassem nossos passos (Sl 66,9).

Feliz quem mora em tua casa:  
sempre canta teus louvores (Sl 84,5).

E dançando cantarão:  
“Em ti estão as minhas fontes todas” (Sl 87,7).

Ficai sabendo que o Senhor é Deus;  
ele nos fez e nós somos seus,  
seu povo e rebanho do seu pasto (Sl 100,3).

O Senhor está perto de todos os que o invocam,  
dos que o invocam de coração sincero (Sl 145,18).

No Antigo Testamento, encontramos as noções acerca da *vida* no contexto das reflexões dos membros da comunidade, tratando do início do ciclo de vida desde o nascimento até o término de seu declínio, desembocando na morte, participando da sorte comum de tudo o que é efêmero. Ora, as comunidades israelitas eram minoria entre os povos antigos e por isso sempre se ressaltava sua existência na história como dom de Deus, cuja Providência garantia sua continuidade, que se evidenciava pela sobrevivência da coletividade. Mais importante do que a vitalidade e a exuberância das forças vitais nos seres humanos, valorizava-se a existência do povo eleito como continuidade do que lhe era atribuído como tarefa precípua, i.e., a função de servir de paradigma de salvação aos outros povos. Nisso também estava implicada a missão da comunidade de fiéis de ter de transmitir o legado de fé às gerações futuras para não cair no olvido e na obsolescência, mas tendo vigor e dinamismo para difundir os dons de Deus entre os povos. Entre esses dons figurava, antes de tudo, o dom da vida, dom que os mortos já não têm:

Pois na morte ninguém se lembra de ti,  
quem te louvará na mansão dos mortos? (Sl 6,6).

Não são os mortos que louvam o Senhor,  
nem os que descem à região do silêncio (Sl 115,17).

Os israelitas antigos evocavam a morte como término de sua existência na terra e o encerramento de sua missão na história de prestar o louvor a Deus e de implorar e bênção divina através da liturgia comunitária. Entretanto, quando o número de fiéis diminuía e as comunidades de fé iam diminuindo no decorrer do tempo, surgiu o receio de diminuir

a presença atuante de Deus sobre a humanidade por causa da falta de preces dos fiéis. Até mesmo o envelhecimento da terceira idade causava problemas religiosos e espirituais, sem falar dos percalços do declínio das forças vitais. É que os momentos de intuição e perspicácia são cada vez mais escassos e têm pouca influência inovadora.

Nessas condições, não podem os idosos transmitir a vitalidade e pujança da vida à nova geração, evitando-se, assim, um envelhecimento precoce.<sup>13</sup> Além disso, os velhos já não participavam assiduamente das celebrações litúrgicas quando os achaques da velhice os impediam de sair de casa e ir ao templo. O salmista empresta sua voz a um ancião que vê a realização de sua vida na proclamação do louvor de Deus no seio da comunidade dos fiéis:

E agora, na velhice, de cabelos brancos,  
Deus, não me abandones,  
até que eu anuncie teu poder, as tuas maravilhas,  
a todas as gerações que virão (Sl 71,18).

Quando o desenlace estiver prestes a chegar, pois doença, insucesso e sofrimento são mensageiros que o anunciam, então é que pensamos no destino que nos aguarda no além. São indícios da realidade de que nossa vida, em última análise, não nos pertence. Ao refletirmos sobre a existência humana, não podemos esquecer o aspecto da transitoriedade da vida. Somos peregrinos, viandantes. Sempre estamos a caminho:

Pois sou diante de ti um peregrino,  
um forasteiro como todos os meus pais (Sl 39,13).

Resta perguntar sobre a causa que leva à morte da vida, já que o signo da brevidade do ciclo vital é uma marca indelével impressa nos seres vivos que foram criados por Deus com participação dos nossos pais. É que a morte não está inerente na pessoa por causa de um defeito de fabricação ou uma falha no material genético. Lembremos o argumento

13. Podemos citar o fenômeno do envelhecimento precoce da ovelha "Dolly", criada por clonagem no laboratório do Instituto Roslin, na Escócia, em 1997, mas cujo ciclo vital repentinamente entrou em declínio até morrer em 2003, embora devendo durar, na média, de 12 a 14 anos.

14. Antropomorfismos são usados na Bíblia para descrever, por meio de uma imagem visual, a reação de Deus diante do ser humano, visando qualificar o estado espiritual do ser humano. Assim, o perfil do justo tem por reflexo o “semblante amigo” de Deus, ao passo que a figura do ímpio tem o “rosto irado” de Deus. Na verdade, Deus não tem o sentimento de ira, que o levaria a castigar o pecador sem dó nem piedade. Ao contrário, Deus é clemente e compassivo (Sl 86,15) para com o pecador arrependido. Bem outra é a reação divina contra os *ímpios*, que, por natureza, são impenitentes e renitentes à graça salvífica, querendo, mesmo, acabar com os fiéis.

dos sábios de Israel que distinguem entre o ciclo vital no mundo vegetal e a vitalidade dos seres humanos. Dizia Jó:

Pois uma árvore tem esperança:  
mesmo que a cortem, tornará a brotar,  
e não faltarão os seus ramos (Jó 14,7).

O ser humano, porém, ao morrer,  
fica prostrado;  
expira o mortal e, então, onde é que está?  
As águas vão se evaporar do mar  
e o rio, esgotado, fica seco.  
Assim o ser humano, ao deitar-se,  
não se levanta mais;  
até que o céu desapareça, não despertará,  
não se levantará do seu sono (Jó 14,10-12).

Na verdade, a resposta está na ação transcendente do Criador, que dá a vida, ao passo que as criaturas contingentes estão reduzidas à função de reproduzir e não criar seres novos. Ora, o ser humano recebe o dom da vida no receptáculo do corpo unido às faculdades do espírito. Para explicar a fatalidade da morte na vida humana, o Eclesiastes conclui:

[...] antes que volte o pó à terra, de onde veio,  
e o espírito retorne a Deus, que o concedeu... (Ecl 12,7).

Destarte, a efemeridade do mundo material implica um prazo limitado de existência na terra, ao passo que o “espírito” no ser humano é perene e imortal. Ora, “Deus não fez a morte” (Sb 1,13), então, de onde ela vem? Responde a Bíblia, aludindo à lei do desgaste de tudo o que é contingente: “A morte entrou no mundo por causa da caducidade da vida terrestre” (cf. Jó 14,5). Em outras citações bíblicas se menciona a consequência do estado de pecado: “A morte entrou no mundo pelo pecado” (cf. Rm 5,12). “A morte entrou no mundo por causa da ira de Deus contra os ímpios” (cf. Jó 21,17-21).<sup>14</sup> Outra causa extrínseca à vida humana é a interferência do espírito maligno na história: “Foi por inveja do diabo que a morte entrou no mundo” (Sb 2,24).

Em última análise, o conceito e o sentido da vida aparecem no Antigo Testamento nos escritos sobre as tradições religiosas e culturais que os autores bíblicos transmitiram às gerações seguintes como fruto das intuições e experiências comunitárias. Consistem em reflexões teológicas que superam de longe as intuições espiritualizantes dos poetas antigos e as considerações dos filósofos pagãos pelo fato de valorizarem a vida do indivíduo inserido no contexto religioso da comunidade israelita, unida na Aliança sagrada de Deus com o povo eleito.

Para finalizar, mencionamos o mito da *imortalidade natural*, em voga entre os egípcios da Antigüidade, mas que, curiosamente, nunca teve uma refutação explícita no Antigo Testamento. Isso se explica pelo argumento de haver aí uma oposição radical à antropologia hebraica, que, em termos da filosofia aristotélica, é um tema metafísico que aborda as relações entre alma e corpo. Parece-nos que a única tese satisfatória seja a da união substancial. Ora, essa união profunda entre corpo e alma vincula dois componentes da pessoa, não três: corpo, alma vital (*ka*) e alma espiritual (*ba* como “alter ego”), segundo a antropologia egípcia antiga.

Essa alma separava-se do corpo, na hora da morte, e seguia um itinerário que levava do sepulcro, um ambiente de trevas e de poeira, para a região astral “Duat” (*duat*), localizada ao sul da eclíptica, fora da rota do sol e, por isso, ambiente de escuridão total e de frio intenso no espaço sideral. Dali, a alma (*ba*) estaria a caminho do paraíso, onde se metamorfoseava em estrela, cujo aparecimento periódico no céu era designado pelo verbo ‘*ankh*, com duas conotações: “viver” e “surgir” no firmamento.<sup>15</sup>

Por outro lado, a doutrina bíblica sobre a ressurreição dos mortos é diametralmente oposta à imortalidade natural dos antigos egípcios, porque a vida eterna não é continuidade da vida terrena, pois, ao entrar na eternidade, a natureza humana será transfigurada, imortalizando-se pela ressurreição dos mortos (cf. 2Mc 7,9.14; 12,44).

15. SLOSMAN, A. *L'astronomie selon les égyptiens*. Paris: R. Laffont, 1983. p. 72. BRUGSCH, H. *Thesaurus inscriptionum aegyptiacarum*. I. Leipzig: J. C. Hinrich'sche Buchhandlung, 1883. ERMAN, Adolf; GRAPOW, Hermann. *Wörterbuch der Ägyptischen Sprache* I-V. Berlin, 1926-1961. Akademie Verlag (reimpr.), 1971. v. I. p. 204. Cf. o verbete ‘*ankh* com sentido de “revivescer”, i.e., surgindo uma estrela.



## ***A vida humana no Novo Testamento***

A mensagem bíblica do Novo Testamento sobre a vida humana focaliza a figura central da história da salvação, que é Jesus Cristo, como portador da revelação divina e como mediador dos dons salvíficos concedidos às criaturas sobre a face da terra.

O tema da vida, no Novo Testamento, concentra-se na “plenitude de vida que se estende para muito além das dimensões da existência terrena, porque consiste na participação da própria vida de Deus” (*EV*, n. 2), e que o cristão recebe no sacramento do Batismo. Em processos contínuos desde o seu início até o seu termo, a vida se inicia, rasteja, caminha e se expande e tem a capacidade de ser perfectível. A terminologia bíblica emprega termos próprios para definir essa “vida” (em grego: *zōē*) de natureza divina, distinguindo-se da vida orgânica (em grego: *bios*), em comum com as criaturas dos reinos vegetal e animal. A novidade da mensagem bíblica neotestamentária está na mediação da vida intertrinitária aos fiéis por intermédio de Jesus Cristo.

A inovação encontra-se no processo de crescimento progressivo da vida divina na pessoa humana, que vai evoluindo simultaneamente dentro dos esquemas da vida orgânica e racional, enriquecendo-se de forma *incoativa* até chegar à plenitude de perfeição. Sem necessidade de passar por fases sucessivas de espiritualização das faculdades superiores da inteligência e da vontade, a vida humana vai assimilando, paulatinamente, dons divinos que a enriquecem em nível *sobrenatural*. Isso resulta da participação na Eucaristia, na qual é Deus que nos faz unir-nos a ele, introduzindo-nos na esfera da existência nova. A partir desse momento, vivemos desde já a vida nova que não conhecerá nenhuma interrupção após a morte.

Com efeito, é a vida nova que não possui nenhum caráter temporal, cronológico, mas que é, antes, qualitativo. Também é de notar o caráter intrínseco dessa vida no cristão por causa da habitação do Espírito Santo no coração dos fiéis, bem como no seio da Igreja.

Em contraste com a teoria da espiritualização da alma fora do corpo (sem haver interrupção nem mesmo após a morte do corpo), como se apregoa no platonismo da filosofia grega, o cristianismo ensina uma transcendência essencialmente “encarnada”. Significa que o espírito humano não se liberta do corpo, antes é transfigurado e entra em comunhão com a própria vida de Deus. Isso tem implicação profunda tanto na vida terrena como também na vida eterna. Pois a vida terrena está em estado prospectivo de transformação para uma situação preternatural, após a morte. Trata-se, então, de uma situação *post-mortem* que viabiliza a participação da alma juntamente com sua *relação* ao próprio corpo, constituindo-se, assim, pessoa humana com identidade própria, caso contrário haveria de perder toda a autonomia, convertendo-se em mero fantasma.

Para inculturar a mensagem bíblica sobre a “vida plena”, na mentalidade dos fiéis não bastava a crença na ressurreição dos mortos, motivada pela esperança na vida eterna, como se acreditava na religião de Israel. Era preciso presenciar a condição corpórea de Cristo no estado de glorificação, aparecendo aos fiéis na comunidade cristã. As aparições de Cristo ressuscitado não provinham de uma alucinação coletiva dos cristãos que tivesse sido induzida por nostalgia e saudosismo. Convém lembrar que a condição corpórea de imortalidade será o *status* de todos os falecidos na vida eterna, após a “ressurreição da carne”, que é semelhante à de Cristo glorificado. Entretanto, haverá uma diferença radical na qualidade de vida entre os santos no céu e os réprobos excluídos da felicidade eterna, como é descrito na parábola do “rico avarento e o pobre Lázaro” (Lc 16,19-31).

A característica marcante da doutrina sobre a situação dos falecidos no céu é o dom da vida eterna, que Cristo, como mediador do Deus Altíssimo, entregará aos fiéis (cf. Jo 10,28). Como prelibação em gozo antecipado da vida eterna, está incluído também o estado de “alegria em plenitude” (cf. Jo 15,11) que Cristo ressuscitado veio difundir como parte integrante da mensagem cristã. Essa alegria pervade a alma dos santos no céu porque é “compartilhada

16. Na *Odisséia*, selecionamos o cap. 11, no conjunto dos 24 da obra completa, designando-o como “necrológio” dos mortos, que aí recebem uma homenagem pós-tumba da boca de Homero. Todos eles têm uma oportunidade de falar de si, cujos discursos são lamentações comoventes sobre a vida inacabada durante sua existência terrestre, a morte prematura, e sobre o descaso dos deuses para conceder-lhes a recompensa pelos feitos que realizaram. Não há lembrança dos momentos felizes do passado nem das alegrias da vida sobre a terra, mas queixas sentidas pela ausência de felicidade.

17. A fruição da felicidade não consiste na perspectiva de alguém estirado numa rede em sereno descanso, sem hora para acordar do cochilo após longos passatempos

pelo próprio Cristo” (cf. Jo 17,13). É de notar a ênfase nas alegrias eternas da visão beatífica e da bem-aventurança dos santos no céu em contraste com o estado tristonho das almas dos mortos segundo a concepção mítica dos autores gregos da Antigüidade.

Na obra clássica *Odisséia*, de Homero, encontra-se uma narração imaginativa do encontro de Ulisses com as “sombras” dentro do rol de figuras ilustres da história grega, aparecendo como fantasmas durante a oferta do sacrifício de invocação dos mortos. Essas “sombras”, ou almas dos mortos, surgiram da penumbra, sôfregas de haurir nova energia espiritual através do sangue do sacrifício e das libações rituais oferecidas em honra dos deuses. O próprio Ulisses tinha de puxar da espada para impedir o assédio das sombras enxameando a poça de sangue derramado na imolação do sacrifício. Estavam profundamente entristecidas e lamentavam sua infelicidade na mansão dos mortos, preferindo mil vezes voltar à vida na terra, contanto que tivessem um corpo para o encontro com os seres humanos.

Uma cena comovente é o abraço de ternura que Ulisses queria dar em sua falecida mãe, que, porém, fugia dos seus braços, queixando-se de não poder atenuar a “tristeza indizível” do seu espírito. Homero compôs um “necrológio” das almas no além, onde as visões do futuro tinham-se apagado e os desejos ardentes tinham esmorecido sem reacender a luz da esperança na felicidade para os mortos na vida eterna.<sup>16</sup>

Para contrabalançar tal situação desalentadora entre as almas na eternidade, os mitógrafos inventaram a teoria da *divinização* de alguns falecidos, que se tornavam deuses e, assim, cultivavam a relação de convívio no panteão das divindades e, ao mesmo tempo, podiam transitar livremente pelos mundos terrestre e celeste, alegrando-se com a amizade entre os seres divinos. Lembremos, porém, que a *felicidade exige ação*, e dentro da passividade nenhum prazer perdura.<sup>17</sup> Daí que a plenitude da felicidade está ao alcance dos que dispõem dos meios de ação para superar as limitações da contingência terrena. Dessarte, somente os deuses e algumas pessoas divinizadas teriam acesso à fonte de felici-

dade perene, já que a felicidade ultrapassa a soma de todos os prazeres, porque é dom de Deus, por isso é de natureza transcendente.

Era preciso, portanto, substituir as concepções da mitologia sobre as condições de vida das almas dos falecidos, levando em consideração a dimensão sobrenatural que penetrou no coração dos fiéis com o dom do Espírito Santo no Batismo, cujo efeito perdura na vida do além. Nisso está implicado o fato de que a vida eterna não pode ser comparada com a vida sensível do mundo, pois coisas temporais não podem ser o objetivo de uma alma eterna. Além disso, a vida nova é real e não utópica porque existe um Deus “vivo” que criou a vida e não a deixa desvanecer no nada. Daí resulta a conclusão de validade perene sobre a ação de Deus a guiar a vida sem cessar e ressuscitar os mortos e que por isso lhes dá a vida eterna.

## Conclusão

A vida humana é dom precioso que Deus Criador nos dá, enriquecendo-a com os talentos a nosso dispor para proveito pessoal e dos outros. Essa vida é dom de Deus, desde a sua origem até a meta final. Esse dom nunca se desprende da mão de Deus, incluindo também a participação humana na sua origem, onde a paternidade e a maternidade têm função criadora e determinante na configuração do novo ser. A biologia molecular fala do DNA para identificar o material genético do corpo humano, qualificando-o como ser humano, distinto do reino animal, e especificando os genes do pai e da mãe. São eles, com os filhos, que constituem a *família* como berço da vida pessoal e comunitária e mediadora das relações entre os indivíduos e a coletividade, pois que difunde um paradigma de vivências humanas baseadas na solidariedade do tipo comunitário.

Também a qualidade de vida está nas mãos de Deus e dos seres humanos. É aí que entra a religião para proporcionar os meios de vivência dos modos de vida individual, familiar e comunitária que levem em conta as possibilidades ofere-

de lazer, despreocupado de tudo, sem ter nada que fazer. Ao contrário, trata-se de uma atuação engajada na promoção de melhorias na qualidade de vida e ajuda aos necessitados desprovidos dos meios de sustento e recursos necessários para viver. Por isso a Igreja atribuiu aos santos, no céu, a função de estenderem o patrocínio sobre setores da vida e atividades dos habitantes intercedendo junto a Deus e exercendo sua influência para o bem dos fiéis sobre a terra.

cidas aos indivíduos e as chances de serem aproveitadas para o bem deles e da sociedade. Pois o indivíduo não é o fim em si, mas a sociedade que dele precisa, valorizando seus talentos postos em comum para proveito da vida compartilhada na comunidade que se eleva ao nível transcendente até chegar a Deus.

O tema da vida humana ganhou tamanha importância nos dias de hoje porque extrapolou o âmbito acadêmico ao discutir problemas que afetam indivíduos e a sociedade, problemas que são abordados na pesquisa e na reflexão dos sábios que se apoiaram em valores e perspectivas fornecidas pelas crenças religiosas. Hoje, a nossa civilização é guiada por impulsos e atitudes que são expressões das comunidades de fé, e que a Campanha da Fraternidade de 2008, com o lema “Escolhe, pois, a vida!” (Dt 30,19), valoriza e oferece aos fiéis e ao mundo secularizado para que se inspirem no pensamento teológico da Bíblia e na espiritualidade das comunidades de fiéis, a fim de que o ser humano de hoje faça a experiência de si mesmo como criatura dotada de finalidade nesta vida que desemboca na eternidade.

### ***Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade***

1. Que relação fazemos entre o passado-atualidade da Aliança sagrada e a “memória” que o Povo de Deus celebra?
2. No Antigo Testamento, o envelhecimento causava inúmeros problemas. E entre nós, na nossa comunidade? No mundo atual?
3. Como encarnar a transcendência essencialmente “encarnada” e o estado de “alegria em plenitude”?

# Do Brasil de batizados ao Brasil de discípulos missionários.

## Caminhar com Aparecida além de Aparecida

565

PAULO SUESS\*

O tema “Do Brasil de batizados ao Brasil de discípulos missionários” perpassa o *Documento de Aparecida (DA)* como um fundo musical. Missão sem fronteiras e discípulos missionários por toda parte: nas comunidades (cf. *DA*, nn. 349, 362, 364, 370), na paróquia missionária (cf. *DA*, nn. 171ss), na missão continental (cf. *DA*, nn. 286, 362) e nos confins do mundo (cf. *DA*, nn. 379, 548). A rigor, o lugar não é importante, desde que os batizados compreendam que a missão não é uma atividade extraordinária, mas ordinária e cotidiana, porque “toda a Igreja é missionária”, “a obra de evangelização é o dever fundamental do Povo de Deus” (*AG*, n. 35) e que o Povo de Deus é missionário “por natureza” (*DA*, n. 347. Cf. *AG*, n. 2).

Caminhar “com Aparecida além de Aparecida” não se trata de um elenco de temas que o *Documento de Aparecida* esqueceu ou que deveria abordar de uma outra maneira. Trata-se, sobretudo, de discernimentos fundamentais que procuram esclarecer a razão da nossa missionariedade diante dos desafios do mundo de hoje. O “esclarecimento” de uma questão é sempre um convite de compreender uma espécie de corrupção e conformismo nela escondidos e um imperativo para sua transformação.

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho aponta com uma certa insatisfação para o “Brasil de batizados”, supostamente não-missionário. Mas, no mundo secularizado de hoje e em condições de livre escolha garantida pela separação constitucional entre Igreja e Estado, o “Brasil de batizados” não deve ser desprezado.

**\* Padre Paulo Suess** é alemão, doutor em Teologia Fundamental pela Universidade de Münster (Alemanha). Desde 1979 é assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Atualmente, é professor na pós-graduação em Missiologia do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (Itesp). **Endereço do autor:** Caixa Postal 46023, cep 04046-970, São Paulo-SP.

Quem ainda hoje pede o Batismo para seu filho não sofre nenhuma discriminação se o não fizer. Porque os brasileiros ainda pedem o Batismo? Quem é esse Brasil de batizados?

Trata-se de um mosaico de cristianismos e religiosidades com significados específicos, com múltiplas potencialidades, com práticas rituais, sacramentais e éticas diferentes. Para uns, esse cristianismo se resume a cerimônias de Batismo, casamento, missa dominical ou missa do sétimo dia. Outros insistem na presença de vestígios messiânicos desse Batismo em movimentos populares com escassa expressão sacramental ou em movimentos espiritualistas com novos dogmas e muitas promessas. Num continente de pobres e famintos, de violência e injustiça, de migrantes sem pátria, de sem-terra e sem-casa, a resistência contra “a crescente cultura da morte que afeta a vida em todas as suas formas” (DA, n. 185), com a ajuda da própria religião, já pode ser considerada uma missão militante.

Olhando de fora, porém, a partir do catolicismo oficial, esse cristianismo popular pode ser visto apenas como cristianismo cultural, e a resistência silenciosa pode ser confundida com conformismo e superstição, sem impacto sobre a vida cotidiana. Portanto surgem propostas de uma “nova evangelização” ou de uma “reevangelização”, como a *Redemptoris missio* propõe (n. 33).

Ao Brasil de batizados pertence ainda o amplo leque da religiosidade popular, que dá sentido à vida cotidiana e a alimenta com energias espirituais através de festas patronais, peregrinações, rezas e devoções caseiras. Essa religiosidade batizada está presente nas invocações enfáticas da vida cotidiana como “Nossa Senhora”, ou simplesmente “Nossa”, “oh! meu Jesus”, “cruz credo”, “pelo amor de Deus”. Mas também está presente na resistência ao absurdo, ao injusto e ao sofrimento dos pobres. O Batismo desse Brasil de batizados tem múltiplos significados de pertença sociocultural e de sentidos, significados de terapia e proteção.

Esse Brasil de batizados tem muitas caras e significados nem sempre transparentes. Envolve uma certa passividade, incompatível com a dinâmica do Batismo em nome da San-

tíssima Trindade. Nem sempre é possível distinguir entre a sabedoria da passividade que espera o momento certo para resistir explicitamente e o conformismo que perdeu a esperança da possibilidade de transformações.

Em todo caso, o Brasil dos batizados, que perde anualmente 1% dos seus adeptos (cf. *DA*, n. 100a), aponta para “ultrapassadas estruturas” (*DA*, n. 365. Cf. n. 173) paroquiais e ministeriais, para um limitado “número de católicos que chegam à nossa celebração dominical” (*DA*, n. 173) e para discípulos adormecidos, que sufocaram sua missionariedade militante pela causa do Reino nas preocupações corriqueiras, na burocracia autoritária das instituições, nas esmolas populistas das cestas básicas e no pequeno conforto da vida aburguesada “à margem do sofrimento dos pobres do continente” (*DA*, n. 362). Tudo isso clama por conversão histórica e pessoal, por transformações urgentes e profundas.

Depois de quinhentos anos de missão estreitamente afinada com a colonização, seguiram-se décadas que denunciaram essa missão como ideologia colonizadora. Todavia existe muito entulho colonial e “zelo” fundamentalista que devem ser afastados. Por causa dessa herança, teólogos do terceiro mundo procuravam substituir o paradigma da missão por outros paradigmas e teologias. Ajudou nessa substituição do paradigma da missão colonizadora uma nova compreensão da universalidade salvífica de Deus. Ela rompeu com a visão corporativista da salvação.

Depois do Concílio Vaticano II, já não é mais possível responder à pergunta dos neófitos sobre o destino dos antepassados, como Francisco Xavier respondeu aos japoneses, José de Anchieta aos índios e Antônio Vieira aos escravos africanos. O lugar das almas daqueles que não foram batizados não é o inferno.<sup>1</sup> Juntamente com muitas outras denominações evangélicas, a Igreja não aboliu o espírito da exclusividade salvífica. Mas a Igreja Católica modificou a compreensão dessa exclusividade, afirmando que a graça concedida por Jesus Cristo a ela também pode salvar pessoas de outras religiões ou mesmo pessoas sem religião.<sup>2</sup>

1. Cf. XAVIER, São Francisco. *Obras completas*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 547 (Doc. 94,8; 96,48). VIEIRA, Antônio. Sermão décimo quarto (1633). In: Id. *Obras completas do Pe. Antônio Vieira*. Porto: Lello & Irmão, 1951. v. 4, t. 11, n. 6, p. 301.
2. Também a declaração *Dominus Iesus* (São Paulo: Paulus-Loyola, 2000) não fechou o que o Concílio abriu. Numa certa tensão, procurou “manter unidas estas duas verdades: a real possibilidade de salvação em Cristo para todos os seres humanos e a necessidade da Igreja para essa salvação” (n. 20).



Hoje, a missão voltou ao coração da Igreja e ao centro da teologia. Tornou-se o paradigma-síntese de Aparecida. Vai depender muito da nossa leitura do *Documento de Aparecida* e dos sinais do tempo para que a missão não se torne apenas um serviço de bombeiros para recuperar perdas numéricas. O paradigma pós-Aparecida da missão, resgatado da ideologia de colonização, do exclusivismo salvífico e do fundamentalismo legalista, deve ajudar-nos a “conhecer e entender o mundo no qual vivemos, suas esperanças, suas aspirações” (cf. GS, n. 4) e deve capacitar-nos “a transformar o mundo” (DA, n. 290).

Desde Medellín, cujo tema era “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio”, a Igreja procura acompanhar a realidade latino-americana, que é cada vez mais uma realidade urbana, onde “acontecem complexas transformações socioeconômicas, culturais, políticas e religiosas [...]” (DA, n. 511). “Realidade”, “conversão” e “transformação”, que configuram o paradigma da missão, são palavras-chave do *Documento de Aparecida* e pedem discernimento.<sup>3</sup>

Esse tripé “realidade-conversão-transformação” exige que os batizados assumam sua vocação de uma missionariedade ecumenicamente militante e transformadora contra a “cultura da morte” em vez de gastar suas energias por coisas menores e em rixas entre si pela posse da verdade. Só um mutirão missionário com horizonte macroecumênico permitirá falar honestamente de América Latina e de Caribe como “continente de esperança” (DA, nn. 64, 522, 543) e de uma Igreja “em estado de missão” (DA, n. 213).

## Discernimentos

O clamor por transformações é um indicador que vivemos num tempo de crise que exige discernimentos a partir da Palavra de Deus, que “é o motor inesgotável da missão eclesial”.<sup>4</sup> É um tempo favorável para discernir entre dois projetos de sociedade, para assumir o projeto de Jesus de Nazaré, para anunciar o Reino de Deus “com palavras e

3. Cf. os verbetes “Conversão”, “Realidade” e “Transformação” em: SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida. 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008. pp. 27-29 e 120-123.

4. SÍNODO DOS BISPOS. XII Assembleia Geral Ordinária. A palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. *Lineamenta*. Prefácio.

obras, com o testemunho da vida e o ensino”.<sup>5</sup> Aplica-se a esses dois projetos a frase inicial do *Catecismo dos primeiros cristãos*: “Há dois caminhos: um da vida e outro da morte. A diferença entre ambos é grande”.<sup>6</sup> Entre esses dois projetos de sociedade houve muitas lutas, resistência indígena e afro-americana, lutas camponesas e operárias. Produziram muitos líderes populares, santos e mártires. Até hoje os dois projetos se confrontam e encontram nas Igrejas e no seu trabalho missionário aliados, parceiros e opositores.

O paradigma da missão, desde as primeiras experiências pascais dos discípulos e discípulas de Jesus Cristo até Aparecida, deve ser colocado nesse contexto de uma longa história, marcada por desvios e acertos individuais e coletivos, lutas ideológicas e guerras religiosas. Para a reconstrução desse paradigma, coerente com as intenções profundas do Evangelho e relevante para a humanidade, sobretudo para os pobres, interessam-nos, sobretudo, as práticas missionárias coletivas que refletem posturas doutrinárias da própria Igreja nas respectivas épocas.

Aparecida integra essa longa caminhada e procura responder às mudanças e seus desafios na sociedade de hoje (cf. *DA*, n. 16). Aparecida significa continuidade e inovação. Na “continuidade” está o perigo da regressão ao historicamente superado; na “inovação”, a possibilidade da rejeição do historicamente apreendido, da modernização conservadora, da precipitação daqueles que sempre encontram um novo paradigma para iniciar a contagem do tempo.

A missão da Igreja é uma ação dialogal com a história e com os desafios contemporâneos. Ela é norteadada pelo Evangelho e exige a transformação estrutural de relações coloniais que novamente se fazem presentes por impérios econômicos e culturais do mundo globalizado. O paradigma missionário se inscreve numa ação libertadora dos pobres e dos outros, numa opção ampla que procura reconstruir a comunidade humana a partir da participação dos destinatários e do protagonismo dos pobres. Essa ação missionária está inserida em diferentes épocas, contextos e culturas,

5. Id., *ibid.* cap. III, n. 26.

6. *Didaqué ou Doutrina dos apóstolos. Catecismo dos primeiros cristãos*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 21, n. 1,1-2.

nas quais se encontram germes de alienação e libertação, de conformismo e resistência.

### Variantes históricas

As variantes coletivas e históricas do paradigma missão estão marcadas pela colonização, pelo desenvolvimentismo, pelo fundamentalismo, pela tutela e pela contextualização libertadora. De uma ou de outra maneira, essas variantes, às vezes bem visíveis, às vezes latentes, estão presentes no agir eclesial de todos os tempos. Pode-se distinguir cinco práticas missionárias bem diferentes:

- a) uma *missão colonizadora* com ênfase na doutrina, nos sacramentos e nas estatísticas que, em estreita aliança com o poder da respectiva época, confunde a cultura como veículo da evangelização com a própria evangelização, como se o Evangelho não fosse capaz de inserir-se em todas as culturas;
- b) uma *missão desenvolvimentista*, que confunde o futuro com progresso material e tecnológico. Ela se insere naquilo que os analistas sociais chamam de “modernização conservadora”;
- c) uma *missão fundamentalista*, sem diálogo interdisciplinar, que interpreta a Escritura ao pé da letra, dispensando a racionalidade inerente ao Evangelho;
- d) uma *missão tutora*, acompanhada de atitudes paternalistas. Ela não visa o cristão adulto e livre. Sua catequese é uma extensão da catequese infantil para todas as faixas etárias; trata os leigos, sobretudo os pobres, como incompetentes em matéria de fé;
- e) uma *missão encarnacionista-libertadora*, com sua inspiração no Concílio Vaticano II e no magistério latino-americano, que valoriza o contexto histórico e sociocultural no intuito de “perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de maneira adaptada a cada geração, às interrogações eternas sobre o significado da vida presente e futura e de suas relações mútuas” (cf. GS, n. 4). Seus pressupostos

são a opção pelos pobres e a assunção da alteridade, sem resquícios de colonização e hegemonia cultural.

Como se trata de uma tipologia, nenhuma dessas missões se encontra, historicamente, em estado puro. Cada época tem seu tipo missionário hegemônico, o que não quer dizer “único”. Sempre se afirmam, também, tentativas alternativas de viver o paradigma missionário. Nos primórdios da colonização, por exemplo, a primeira comunidade dos dominicanos em torno de Antônio Montesinos, que, em 1511, denunciava profeticamente os maus-tratos dos índios da ilha de Santo Domingo, representava uma missão profética-libertadora na contramão do politicamente correto da época.<sup>7</sup>

## Setores

Eventos históricos e seus documentos são estruturalmente ambivalentes. Também as cinco conferências gerais do episcopado latino-americano e do Caribe e seus “textos conclusivos” oferecem ambivalências e ambigüidades. O mesmo aconteceu com os textos que produziu o Concílio Vaticano II. O fato de eventos e textos serem sempre não-conclusivos exige sua interpretação e permite sua recepção diferenciada. As respectivas conferências e seus documentos ganharam força ou não através de sua recepção eclesial e interpretação teológica.

Também o *Documento de Aparecida* é ambivalente e multifacetado. Surgiu a partir da prática de cinco setores diferentes, aos quais correspondem diferentes teologias:

- a pastoral militante dos adeptos da teologia de libertação;
- a pastoral do bispo “bom pastor” com grande sensibilidade para a realidade do povo;
- a doutrina descontextualizada de alguns movimentos com militância proselitista e/ou fundamentalista;
- a vigilância dos enviados por Roma com sua teologia clássica e descontextualizada;
- os pragmáticos sem alinhamento teológico profundo.

7. Cf. o sermão profético de Antônio Montesinos e suas conseqüências em: SUESS, Paulo. *A conquista espiritual da América espanhola*. Petrópolis: Vozes, 1992. pp. 407-416.

A ambivalência da V Conferência, em Aparecida, está não só nas contribuições às vezes contraditórias desses setores, mas também na razão de sua gênese. Seu tema “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nossos povos nele tenham vida – Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” nasceu a partir da constatação de uma perda de fiéis (cf. 100a) atribuída a uma superioridade do esforço missionário das Igrejas Pentecostais. “Significativo número de católicos estão abandonando a Igreja para entrar em outros grupos religiosos” (DA, n. 100f). O *Documento de Aparecida* está implicitamente marcado por um espírito de recuperação numérica de fiéis através de atitudes miméticas diante dos grupos pentecostais cujos ministros e fiéis não param de crescer.

## Continuidade e inovação

Na bandeira das intenções de Aparecida está escrito: “inovação em continuidade”.<sup>8</sup>

Seu paradigma, a missão, não é formal nem semanticamente novo. Desde a década de 1960, em parte já antes do Concílio Vaticano II, existem tentativas na Igreja Católica de resgatar na pastoral (padres operários, movimento litúrgico, junto aos povos indígenas, afro-descentes e migrantes, da terra) o paradigma de uma missão contextualizada, encarnada e libertadora. A missão, em Aparecida, pode ser interpretada como paradigma-síntese das conferências anteriores que tenta integrar descolonização, libertação, opção pelos pobres, assunção da realidade e inculturação no paradigma único da missão, aberto para as transformações em curso.

## Ministérios

Constatadas as melhores intenções e diferentes posturas dos delegados, observadas as perdas numéricas da Igreja Católica e a superioridade do esforço missionário de outras Igrejas, impõem-se mudanças. E tudo no campo pastoral (DA, nn. 368, 389, 437j, 456, 518, 541, 548) e social (DA, nn. 148, 384, 550) exige urgência. A causa do Reino é uma

8. “A V Conferência dá um novo passo no caminho da Igreja, especialmente a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II. Ela dá continuidade e, ao mesmo tempo, recapitula o caminho de fidelidade, renovação e evangelização da Igreja latino-americana a serviço de seus povos, que se expressou oportunamente nas conferências gerais anteriores do episcopado (Rio de Janeiro, 1955; Medellín, 1968; Puebla, 1979; Santo Domingo, 1992). Em todas elas reconhecemos a ação do Espírito” (DA, n. 9).

questão de vida e morte. “O amor de Cristo nos impele” (2Cor 5,14) a destruir as estruturas da morte, interromper a lógica dos sistemas e questionar a lentidão das burocracias. A vida é para hoje.

A dimensão trágica de Aparecida está na constatação de que tudo está em transformação, de propor transformações do mundo e da própria Igreja, sem poder propor, por causa de proibições internas, as transformações mais urgentes que atingem as estruturas ministeriais. Essas transformações seriam necessárias para que “a força transformadora do mandamento novo” (DA, n. 273) chegue aos seus destinatários. Numa situação de múltiplas ofertas, uma loja com cada vez menos vendedores, apesar de propostas de treinamentos sofisticados, vende cada vez menos seu produto.<sup>9</sup>

O paradigma-síntese de Aparecida, a missão no seu sentido pleno, confere-nos a responsabilidade da transformação. Quem vai abrir a jaula de ferro ministerial, que é apenas uma das aberturas que se fazem necessárias para realizar as propostas de Aparecida? Para renovar a verdadeira tradição evangélica, que promete vida para todos, para cumprir a Palavra de Deus e comprometer-nos radicalmente com ela, precisamos saber perder tradições secundárias e sacrificar costumes de acomodação (cf. DA, n. 362). O apelo a um novo Pentecostes parece melancólico: “Esperamos em novo Pentecostes que nos livre do cansaço, da desilusão, da acomodação ao ambiente; esperamos uma vinda do Espírito que renove nossa alegria e nossa esperança” (DA, n. 362).

## Propostas paliativas

Nessa situação, alguns setores presentes em Aparecida propõem, já faz tempo, soluções paliativas: recorrer aos movimentos e aos meios de comunicação. Apostam na prosperidade de movimentos religiosos católicos, que dispensam a transformação de estruturas ministeriais e sociais. Os movimentos respondem, segundo F. Houtart, a uma necessidade social, psicológica e religiosa. A migração forçada pelo modelo econômico neoliberal (latifúndio empresarial

9. Cf. o verbete “Formação” em: SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida...*, cit., pp. 66-69.

que dispensa a pequena propriedade e a mão-de-obra pela monocultura) do campo para a grande cidade destruiu as sociedades tradicionais.

Os movimentos conseguem reconstruir comunidades urbanas na base de uma espiritualidade intimista sem aprofundamento de compromissos sociais, de uma pertença exclusivista (os novos eleitos!), de uma estrutura hierárquica e de uma doutrina de salvação individual. Em seu conjunto, dão sentido à vida, ainda que equivocado, porque não visam a uma transformação social que permitisse uma real integração dos seus seguidores na sociedade.<sup>10</sup>

O setor da modernização conservadora aposta nos meios de comunicação. “Temos rádios, televisão, cinema, jornais, internet [...] que nos encham de esperança” (DA, n. 99f). Aham que com esses meios podem mimeticamente resistir “a outros grupos religiosos que ganham constantemente adeptos usando com perspicácia o rádio e a televisão” (DA, n. 99f. Cf. DA, n. 486d). Quem assiste às “televisões católicas” dificilmente partilha essa esperança. Por um lado, estão inseridas no sistema capitalista, que os faz econômica e ideologicamente dependentes. Por outro lado, são expressão da “cultura de massa” que reproduz o sistema neocolonizador, dispensa o protagonismo dos pobres, visa consumidores indefesos em larga escala e produz vítimas da “cultura da visibilidade”.

Olham para um altar transformado em palco, assistem uma show-missa dominical e escutam um sermão que parece uma aula catequética para crianças da primeira comunidade. Enquanto os meios de comunicação são propriedade privada no interior do sistema capitalista, não se pode esperar deles uma contribuição relevante para a causa do Reino, dos pobres e dos outros em nenhum lugar do mundo.<sup>11</sup>

## **Critérios**

Os discernimentos permitem delinear critérios e compromissos<sup>12</sup> fundamentais para construir, no contexto pós-Aparecida, o paradigma da missão em sua especificidade,

10. Cf., a esse respeito, a entrevista de François Houtart em *La Nueva España*, abr./2008.

11. Rádios comunitárias, que não são propriedade privada, têm dado bons resultados e devem ser apoiadas.

12. Ver os compromissos de Aparecida em: SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida...*, cit., pp. 17-21.

integralidade, universalidade e contextualidade. A especificidade exige nomear os sujeitos da missão e a integralidade visa a todas as dimensões da vida desses sujeitos (dimensões material, espiritual, emocional e intelectual). A universalidade do paradigma indica que se trata de uma causa ampla e não de um caso localizado que exige apenas remendos parciais. Mas essa universalidade da causa precisa ser colocada em seu contexto histórico e sociocultural que perpassa todos os sistemas da análise sociológica (economia, política, sociedade, cultura).

Haveremos de construir esse paradigma sem medo da ruptura entre aparência e essência, entre a naturalização da injustiça e a justiça da ressurreição. Ao romper com o sistema da morte, que coisifica e capitaliza as relações humanas, a missão restabelece, a partir da *memoria passionis* como memória perigosa, o horizonte de uma justiça definitiva na esperança da vida cotidiana dos pobres.

### Opção pelos pobres

Por que, “hoje, toda a Igreja na América Latina e no Caribe quer colocar-se em estado de missão” (DA, n. 213)? A razão da missão é o anúncio do Reino de Deus, o encontro e a peregrinação com Jesus Cristo, que é o caminho, a verdade e a vida. Aparecida contextualiza a mediação dessa resposta: “O encontro com Jesus Cristo através dos pobres é uma dimensão constitutiva de nossa fé [...] e do encontro com ele nos aflitos e marginalizados [...] surge nossa opção por eles” (DA, n. 257). “Tudo o que tenha relação com Cristo tem relação com os pobres e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo” (DA, n. 393). Por causa da proximidade dos pobres com Jesus Cristo e com a realidade, a opção pelos pobres deve ser feita com os pobres.

Em nosso continente vive uma multidão crescente “sob o flagelo da pobreza” (DA, n. 176. Cf. DA, nn. 62, 444), num mundo globalizado “sem solidariedade” (DA, n. 65). No cristianismo, os pobres são uma questão de ortodoxia. Na



lógica do Reino, os que vivem do lado sombrio do mundo são caminhos da verdade e porta da vida. Pecado significa indiferença diante da exploração dos pobres. Desde que o Verbo nasceu em um estábulo e assumiu a “condição humilde, de pobre” (DA, n. 52), tornou-se plausível que “os rostos sofredores dos pobres são rostos sofredores de Cristo” (DA, n. 393). Os pobres são o lugar da epifania de Deus, por excelência.

No cristianismo, essa pobreza do próprio Deus tem muitos nomes: encarnação, cruz, ressurreição, Eucaristia. “A pobreza é a verdadeira aparição divina da verdade”.<sup>13</sup> Por isso a “Igreja assume a causa dos pobres” (DA, n. 94), faz-se “companheira de caminho” deles, “inclusive até o martírio” (DA, n. 396). Que a opção pelos pobres “seja preferencial implica que deva atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais” (DA, n. 396).

## A realidade

Os pobres, vítimas da coisificação e capitalização das relações humanas, são os mediadores de uma realidade que conhecemos apenas através do “ouvir-falar” e de uma “imagem desfigurada” de um retrovisor de carro. A realidade não se revela facilmente. Os pobres e a humanidade mutilada nos revelam as rachaduras e os bloqueios dessa realidade e nos fazem assumir um “compromisso com a realidade” (DA, n. 491). A proximidade aos pobres, que gera uma permanente indignação e inconformidade ética com o mundo assim como é, é a condição de uma missão não-ideológica.

O Evangelho incentiva expressar esta indignação positivamente, como socorro concreto às vítimas, e como ruptura. A proximidade às vítimas impede que o Evangelho se torne “grande relato” a serviço de uma classe ou cultura dominante. Na opção pelos pobres e com eles, trata-se de uma “teologia fundamental” e de uma “prioridade pastoral”, não de uma mistificação da pobreza, nem de uma idealização dos pobres. Idealizar os pobres e os outros (povos

13. RATZINGER, J. Der Dialog der Religionen und das jüdisch-christliche Verhältnis. In: Id. *Die Vielfalt der Religionen und der Eine Bund*. 3. ed. Bad Tölz: Urfeld, 2003. pp. 93-121, aqui p. 116.

indígenas!) significaria privá-los de sua dignidade humana e histórica de santos e pecadores.

A negação sistêmica das condições de vida aos pobres e a negação do reconhecimento dos outros colocam os discípulos-missionários no centro dos conflitos que perpassam, hoje, o mundo e a humanidade e que exigem transformações profundas. Vivemos numa “realidade marcada por grandes mudanças”, que nos obrigam a “discernir os ‘sinais dos tempos’, à luz do Espírito Santo, para nos colocar a serviço do Reino” (DA, n. 33).

Aparecida retoma o método “ver-julgar-agir”, que “permite articular, de modo sistemático, a perspectiva cristã de ver a realidade; a assunção de critérios que provêm da fé e da razão para seu discernimento e valorização com sentido crítico” (DA, n. 19). Para os cristãos, a verdade do ser divino no ser humano ilumina a realidade. Deus faz parte da realidade (cf. DA, nn. 44, 405). “A ciência e a técnica [...] com os critérios únicos da eficácia, da rentabilidade e do funcional” contribuem para a destruição do “que de verdadeiramente humano há nos processos de construção cultural” (DA, n. 45).

Análise e articulação da realidade exigem um “trabalho interdisciplinar de teologia e ciências humanas, que ilumine a pastoral” (DA, n. 437j. Cf. DA, n. 465). A complexidade do mundo “nos tem ensinado a olhar a realidade com mais humildade” (DA, n. 36. Cf. DA, n. 345). O sentido integral e completo da vida humana “nem a ciência, nem a política, nem a economia, nem os meios de comunicação” (DA, n. 41) podem fornecer-nos.

Diante da “crise do sentido” (DA, n. 37. Cf. DA, n. 38), que emana dessa realidade complexa e ambivalente, marcada por violência e injustiça (cf. DA, n. 427), o serviço missionário “torna-nos comprometidos com os reclamos da realidade e capazes de encontrar nela profundo significado” (DA, n. 285), porque nessa realidade está a chance de fazer “a experiência do encontro com Jesus Cristo vivo” (DA, n. 167). Jesus Cristo “está naqueles que dão testemunho de

luta pela justiça, pela paz e pelo bem comum, algumas vezes chegando a entregar a própria vida” (DA, n. 256).

Enfocamos “a realidade de nossos povos e de nossa Igreja, com seus valores, suas limitações, suas angústias e esperanças” (DA, n. 22). Para o fiel, “a realidade pertinente e significativa de salvação” (DA, n. 480) só se compreende a partir da fé, quer dizer, “a partir da realidade transformadora do Reino de Deus que se faz presente em Jesus” (DA, n. 382), sobretudo “na pessoa dos mais necessitados” (DA, n. 278e).

O “compromisso com a realidade” (DA, n. 491) se desdobra numa “aproximação pastoral à realidade” (DA, n. 403). Precisa-se organizar uma pastoral que “se faça presente nas novas realidades de exclusão e marginalização em que vivem os grupos mais vulneráveis, onde a vida está mais ameaçada” (DA, n. 401). Jesus está presente em meio àqueles “que dão testemunho de luta pela justiça, pela paz e pelo bem comum [...] em toda realidade humana” (DA, n. 256. Cf. DA, n. 359).

## Ruptura do Reino

Que significa “o projeto de Jesus é instaurar o Reino” (DA, n. 361)? Que significa todos deverem converter-se ao Reino e “submeter tudo a serviço da instauração do Reino da vida” (DA, n. 366), “testemunhar” seus valores (DA, n. 212) e produzir seus sinais? “Sinais evidentes da presença do Reino são: a vivência pessoal e comunitária das bem-aventuranças, a evangelização dos pobres, o conhecimento e cumprimento da vontade do Pai, o martírio pela fé, o acesso de todos aos bens da criação, o perdão mútuo [...]” (DA, n. 383. Cf. DA, n. 374). A missão está a serviço do Reino (DA, nn. 33, 190, 223) e o Reino é dos pobres.

“No seguimento de Jesus Cristo, aprendemos e praticamos as bem-aventuranças do Reino” (DA, n. 139), sobretudo “sua proximidade aos pobres e aos pequenos” (DA, n. 139). A humanidade mutilada é a mediação do Reino de Deus (cf. Mt 19,16; Lc 10,25).

A Igreja convida os batizados a ser “defensores da vida do Reino” diante de tantas “situações desumanas” (DA, n. 358) e a desenvolver uma “presença profética que saiba levantar a voz em relação a questões de valores e princípios do Reino de Deus” (DA, n. 518i). Para a caminhada cristã, o avanço real se faz pelo apelo dos profetas. “Como fermento do Reino”, em comunhão fraterna a serviço dos mais pobres, temos a força de transformar a “cidade atual” em “Cidade Santa” (DA, 516. Cf. n. 382). A dimensão histórica e escatológica do Reino nos faz compreender sua realidade como “serviço”, “construção”, “ruptura” e “mistério” a serviço da vida (cf. DA, cap. VII e VIII).

A “paixão pelo Reino” (DA, n. 152) é sofrimento pelo Reino. Propõe-nos a continuidade histórica e memorial da caminhada dos pobres, que não foi nem será em vão, e impõe a ruptura com o sistema capitalista neoliberal em gestos concretos e, muitas vezes, simbólicos a curto prazo, e como horizonte regulativo a longo prazo. Sem essa ruptura, ao menos simbólica, “nossa opção pelos pobres corre o risco de ficar em plano teórico [...] sem incidência em nossos comportamentos e em nossas decisões” (DA, n. 397). Essa ruptura pode-se configurar como resistência, protesto, recusa, ascese.<sup>14</sup>

O Reino é mais amplo do que a Igreja e os sinais do Reino. Por exemplo, os que João XXIII apontou em sua encíclica *Pacem in Terris* — a emancipação dos operários, das mulheres e dos países colonizados (nn. 39ss) —, nasceram muitas vezes em resistência a posturas eclesiais. Nessa perspectiva, conversão significa ruptura. A “permanente conversão pastoral”, que permite “discernir” o que o ‘Espírito está dizendo às Igrejas’ (Ap 2,29) através dos sinais dos tempos em que Deus se manifesta” desperta “a capacidade de submeter tudo a serviço da instauração do Reino da vida” (DA, n. 366).

## Protagonismo dos pobres

Com quem podemos contar para romper o sistema e com quem podemos construir o mundo novo? Com os padres,

14. “Os discípulos e missionários de Cristo promovem uma cultura do compartilhar em todos os níveis, em contraposição à cultura dominante de acumulação egoísta, assumindo com seriedade a virtude da pobreza como estilo de vida sóbrio para ir ao encontro e ajudar as necessidades dos irmãos que vivem na indigência” (DA, n. 540).

15. "Dia a dia os pobres se fazem sujeitos da evangelização e da promoção humana integral: educam seus filhos na fé, vivem constantes solidariedades entre parentes e vizinhos, procuram constantemente a Deus e dão vida ao peregrinar da Igreja. [...] A partir dessa experiência cristã, compartilharemos com eles a defesa de seus direitos" (DA, n. 398).

"A verdadeira promoção humana não pode reduzir-se a aspectos particulares: 'Deve ser integral, isto é, promover todos os homens e o homem todo', a partir da vida nova em Cristo que transforma a pessoa de tal maneira que 'a faz sujeito de seu próprio desenvolvimento'" (DA, n. 399).

bispos ou párocos? Com quem fazer a missão continental e sustentar o dinamismo de paróquias como "centros de irradiação missionária" (DA, n. 306) se mal conseguimos "segurar" os católicos ainda praticantes? Aparecida corre o risco de tornar-se "desaparecida". As vítimas do anti-Reino não são apenas destinatários do projeto de Deus, mas seus protagonistas. No anúncio da "Boa-Nova do Reino aos pobres" (DA, n. 30), só se pode contar com aqueles setores que estão dispostos a romper com o sistema que, de um modo geral, são os próprios pobres. Eles "exigem nosso compromisso e nos dão testemunho de fé, paciência no sofrimento e constante luta para continuar vivendo. Quantas vezes os pobres e os que sofrem nos evangelizam realmente!" (DA, n. 257).<sup>15</sup>

Por isso precisa-se organizar uma pastoral que "se faça presente nas novas realidades de exclusão e marginalização em que vivem os grupos mais vulneráveis, onde a vida está mais ameaçada" (DA, n. 401). Aparecida valoriza a contribuição dos povos indígenas e dos afro-americanos como construtores da realidade latino-americana e caribenha (cf. DA, nn. 88ss, 97), na qual exercem a cidadania com a consciência de seus direitos e deveres (cf. DA, n. 77).

O protagonismo dos pobres na Igreja está na origem de uma nova eclesiologia. Falar da Igreja significa falar da missão do Povo de Deus. A estrutura dessa Igreja missão é trinitária. Ela é "Povo de Deus", "corpo do Senhor" e "templo do Espírito Santo" (LG, n. 17). Por ser "templo do Espírito Santo" é também casa dos pobres. Aparecida expressa isso quando afirma: "A Igreja é morada de povos irmãos e casa dos pobres" (n. 8. Cf. DA, n. 524). Na realidade, isso significa que a Igreja é o primeiro lugar onde os pobres não são excluídos, onde participam das decisões importantes e onde sua causa é prioritária.

A causa dos pobres, que é universal, exige alianças com outros setores da sociedade, com afinidade ideológica e em cujo horizonte está igualmente a ruptura sistêmica. Na centralidade dos pobres, a Igreja reconhece "a sua missão de advogada da justiça e dos pobres" (DA, nn. 533, 395). A mis-

são da Igreja é “despertar esperança em meio às situações mais difíceis, porque, se não há esperança para os pobres, não haverá para ninguém” (DA, n. 395). Para essa missão, o próprio Cristo “nos confiou o ministério da reconciliação” (2Cor 5,18), não como proposta interclassista ou “terceira via”, mas como opção *pelos* pobres e *com* os pobres.

## Gratuidade

No mundo competitivo e excludente, onde tudo vale somente pelo seu preço de mercado, a essência da missão cristã está vinculada à derrota do reino da necessidade (“custo-benefício”) e à recuperação de um espaço e projeto alternativos de não-mercado e gratuidade. O “desejo missionário” não procura uma propriedade, mas uma alteridade reveladora. Deslocamo-nos para um determinado campo de missão, não para abrir uma casa, mas para percorrer caminhos. A posse escraviza, a caminhada liberta. A comunidade missionária confia na atração de seu testemunho gratuito. Seu “marketing” dispensa a propaganda e as “armas”. O caminhar no Espírito é sempre um caminhar desarmado na simplicidade e na pobreza. É a forma mais radical da partilha. Os dons de Deus se multiplicam na medida em que são gastos. “Quando vos enviei sem bolsa, sem sacola, sem sandálias, faltou-vos alguma coisa?” (Lc 22,35).

A condição formal e material da revelação do “objeto desejado” é a caminhada. Para ver Deus face a face não é preciso chegar a uma reta final. Ele está na brisa suave do caminho, no brilho dos olhos tristes e alegres do pobre, na caminhada despojada entre dois ou três. O espaço-projeto, que não visa à simples reintegração no projeto falido da sociedade fragmentada pelo neoliberalismo, está configurado pela gratuidade da cruz de Jesus de Nazaré e da experiência pascal dos seus discípulos.

Os pobres como sujeitos/protagonistas e a gratuidade como atitude transversal da nossa prática missionária são indicadores de uma ruptura em andamento. A alternativa para a acumulação do capital e a exploração do trabalhador é a

gratuidade. Ela rompe com o princípio “custo-benefício”: “O amor de doação plena, como solução para o conflito, deve ser o eixo cultural ‘radical’ de uma nova sociedade” (DA, n. 543). “Na generosidade dos missionários se manifesta a generosidade de Deus, na gratuidade dos apóstolos aparece a gratuidade do Evangelho” (DA, n. 31). O “total dom de si” é “o diferencial de cada cristão” e “não pode deixar de ser a característica de sua Igreja” (DA, n. 138. Cf. DA, nn. 302, 336).

Este é o sentido profundo de “Igreja casa dos pobres”. A Igreja missionária, “casa dos pobres”, é uma Igreja pobre. Dos pobres, materialmente, a Igreja não pode esperar nada. Deles recebe a oportunidade de fazer algo de graça; recebe o dom da gratuidade e a proximidade do Espírito Santo, que é Deus no gesto do dom. Na lógica do Reino, o dom da vida se fortalece no ato de sua doação, “e se enfraquece no isolamento e na comodidade” (DA, n. 360. Cf. n. 361).

A gratuidade impulsiona necessariamente à simplicidade institucional. Somente estruturas leves permitem acolher a perspectiva da gratuidade. Uma Igreja a caminho é uma Igreja simples e transparente. Quem vai longe e confia no Senhor da história, de poucas coisas precisa. À complexidade do mundo a Igreja missionária responde com simplicidade, que é sinal de qualquer transformação autêntica. Mas a gratuidade institucional e individual, geralmente, é, como o Reino de Deus, um “horizonte regulativo”, não um estado conquistável. A gratuidade, em todas as suas dimensões espirituais e materiais, não é uma “posse”, mas um dom do Espírito Santo.

A gratuidade, na contramão do sistema neoliberal, aponta para a possibilidade de um mundo para todos, mas também para desconexões sistêmicas, mudanças de mentalidade e estruturas eclesiais. O Espírito Santo, que é dom e que dá vida, vive no Verbo encarnado, na Palavra cumprida na cruz e na ressurreição. Ele, que é o pai dos pobres e a vida do Verbo, vive também conosco na Palavra de Deus cumprida na fidelidade à sua missão.

O dom não dispensa o próprio esforço. “A vida é presente gratuito de Deus, dom e tarefa que devemos cuidar [...]” (DA, n. 464). O espaço da gratuidade é delineado pela solidariedade desinteressada, pela partilha da palavra, do caminho e dos bens, não pelo mercado benfeitor, mas pelos pobres mesmos. Vivemos a jornada missionária na partilha do pouco que temos, nas causas do Reino que defendemos e na articulação de comunidades-redes que, a partir de sua fé, resistem contra todo tipo de hegemonia e prestam socorro aos que caíram nas mãos dos ladrões (Lc 10,25ss).

O mundo globalizado e virtualmente conectado em redes de comunicação nos faz refletir de um novo ângulo sobre o significado da parábola do Reino que “é semelhante a uma rede lançada ao mar” do tempo e do universo (Mt 13,47). A rede relativiza a casa e o território. Importante é ter “acesso à rede”. De qualquer lugar podemos ter acesso à rede da *gratuidade e partilha*, que questiona a acumulação e produz rachaduras no sistema; à rede da *proximidade*, que contesta a indiferença e a exclusão; e à rede da *universalidade*, que contrapõe a globalização restritiva.

Os espaços de gratuidade inerentes ao cristianismo são espaços públicos e universais de resistência contra espaços feitos territórios de lucro. O lucro particulariza e privatiza. O culturalmente correto definido pelos vencedores divide e fragmenta. O mercado não é para todos. A globalização neoliberal produz divisão, acumulação, exclusão e hegemonia. Contra a globalização excludente, a universalidade do Evangelho lembra a todos de sua dignidade como criatura à semelhança de Deus, sua subjetividade, sua cidadania e sua responsabilidade nos processos de libertação. Como fazer transbordar no tempo cronológico e histórico das mutilações e fragmentações as múltiplas oportunidades de graça contidas nele? Como transformar o *chronos*, que devora seus filhos, em *kairós* e momento de graça?

## Lembretes e imperativos

O realismo pastoral nos lembra que nunca, na história da Igreja, houve um conjunto de batizados que se tornasse



16. Cf. WEBER, M. *Economia e sociedade*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004-1999. 2 vv., aqui v. 1, parte 2, cap. 5: Os caminhos de salvação e sua influência sobre a conduta da vida. A religiosidade virtuosa ou heróica, segundo M. Weber, é a religiosidade de místicos, ascetas e santos. Ela se diferencia da religiosidade oficial dos quadros da ortodoxia institucional e da religiosidade popular.

17. Cf. nn. 69, 99f, 100c, 239, 342, 372, 395, 400, 403, 446c, 505.

18. Cf. nn. 75s, 78, 458d, 463e, 474d, 537.

sujeito de uma “religiosidade virtuosa” como modelo da vida cotidiana e por mais de uma ou duas gerações. Esse modelo radical comprometeria o indivíduo batizado e sua comunidade com uma “ética virtuosa” e rigorosa. O realismo da ortodoxia institucional e da prática pastoral nunca fora tão longe.<sup>16</sup> Apesar de muitos apelos enfáticos ao heroísmo e à santidade dos discípulos missionários, afinal, à sua “religiosidade virtuosa” no *Documento de Aparecida*, a ortodoxia institucional sabe que a “ética virtuosa” é apenas um horizonte regulativo. Uma Igreja-missão que corresponderia a uma Igreja toda missionária, mística e militante deveria trabalhar as mediações históricas (neoliberalismo, sociedade de classe, estrutura ministerial) para alcançar esse objetivo.

Como essas mediações não foram trabalhadas, o *Documento de Aparecida* em si não terá a força de romper com a normalidade da vida eclesial. As nossas cúrias, dioceses e paróquias, *grosso modo*, não estão dispostos para intervenções estruturais. A transformação de agentes de pastoral em carismáticos ascetas, profetas ou pastores incansáveis de tempo integral e com religiosidade e ética virtuosas é pouco provável. Com um clero muito reduzido e, muitas vezes, sobrecarregado pelo dever sacramental, Aparecida aposta no serviço generoso de leigos voluntários. Mas, no mundo urbano, esses leigos e leigas estão trabalhando de sol a sol para sustentar as suas famílias.

O paradigma síntese de Aparecida, a missão no seu sentido pleno, nos confere a responsabilidade da transformação. Os encarregados de passar o *Documento de Aparecida* para a vida pastoral cotidiana têm pouca autonomia. Todos passam o ferro quente das mudanças estruturais adiante. Para transformar o discurso da “natureza missionária” (*DA*, n. 347. *AG*, n. 2), da justiça e solidariedade em ajuda competente, a Igreja em casa dos pobres, não basta apenas agitar a bandeira da doutrina social<sup>17</sup> e as cobranças das políticas públicas<sup>18</sup> para que prestem um serviço melhor.

Precisamos, novamente, descer ao chão do povo pobre e ferido para formar lideranças em seu meio e em suas lutas, onde “o próprio Cristo se faz peregrino e caminha ressusci-

tado” (DA, n. 259) entre ele. O ressuscitado é o crucificado. A cruz não pertence à pré-história das lutas pela libertação. Pertence à sua história. E nessa história definimos etapas e metas, delineamos o outro mundo possível. A Igreja da América Latina e do Caribe está diante da escolha: ou, amedrontada, enterrar os muitos talentos que recebeu (Mt 25,14ss), inserir-se no sistema capitalista e propor pequenas melhorias, ou lançar a semente do Reino para colher cem por um (Mt 13,18ss).

### ***Compromisso com a esperança dos pobres***

Qual é o núcleo central para a reflexão e a prática missionárias? Como esse paradigma pode tornar-se mais relevante para os pobres e através deles para a humanidade?

Para responder a essas perguntas devemos captar os anseios profundos dos nossos contemporâneos, as suas feridas, a sua situação psíquica e social presentes não só nos indicadores sociais, mas também nos macrodiscursos que justificam tais indicadores sociais como irreversíveis. Para desmontar a miséria, precisamos, concomitantemente, ou até antes, desmontar os discursos e o imaginário que legitimam essa miséria. O imaginário é uma força poderosa do campo religioso. As lutas sociais, às vezes, não avançam nos campos político e legislativo porque não conseguem interferir no campo mitológico e no imaginário que sustenta a sociedade alienada, violenta e violentada.

Os macrodiscursos com que, hoje, nos confrontamos são os discursos sobre o capitalismo de cunho neoliberal sem alternativa, sobre o fim das utopias e da história, e sobre o consumo como auto-afirmação do indivíduo. As estatísticas de suicídios e mortes prematuras assustam. Esses discursos sem horizontes, que tratam a história como uma velha aposentada, geram um clima de depressão como doença de época, por vezes compensada com os programas mais ridículos de divertimento na televisão.

Essa situação, psiquicamente depressiva e com escasas perspectivas de sentido, interpela o imaginário pascal

performativo do paradigma missionário com sua capacidade de impactar a realidade social. Nossa segunda natureza, a natureza missionária (superestrutura), é capaz de interferir sobre a primeira natureza, que não é só a natureza física, mas inclui as relações sociais de produção e trabalho que transformam o mundo (infra-estrutura). No centro dessa segunda natureza, da natureza missionária, está o imaginário da ressurreição, portanto uma imagem de esperança e de justiça. A esperança, que responde à crise de sentido e a imobilidade daquilo que é, precede a justiça que, em sua plenitude, é escatológica.

Esperança tenho hoje. Justiça haverá amanhã. A esperança alimenta-se no aqui e agora da memória da ressurreição e não deve ser confundida com a ideologia do progresso ou com conquistas parciais. Na esperança coincidem os três tempos: o passado da memória coletiva da Igreja que celebramos na Eucaristia, o futuro dos nossos sonhos e utopias configurados na fé da comunidade missionária como mundo novo e o presente que concretamente vivemos na caminhada do Povo de Deus, em suas alegrias e angústias de hoje (cf. GS, n. 1). A esperança é uma dimensão comunitária da nossa vida.

A esperança nasce quando as vítimas aprendem a falar, a agir, a organizar, quando os discípulos missionários se fazem presente no meio do povo, rejeitam o próprio protagonismo, acompanham os processos de organização, ajudam a expulsar o sentimento da incapacidade dos pobres e se empenham em transformar os desejos (alienantes) em esperança histórica. Não se trata de reprimir os desejos, mas de entrar numa caminhada na qual os desejos são absorvidos pela esperança. Os desejos fazem parte do psiquismo humano e não desaparecem, mas deixam de ser preocupação, motivo de tristeza, de desespero e de cobiça.<sup>19</sup>

A esperança é sempre para hoje. O apóstolo nos exorta a “estar sempre prontos a dar a razão da nossa esperança, [...] com mansidão e respeito” (cf. Pd 3,15s). O mundo dos que embarcaram no capitalismo perdeu a esperança e o mundo dos que já nasceram sem esperança nos cobra um trabalho

19. Cf., para essa parte: COMBLIN, José. *O caminho. Ensaio sobre o seguimento de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2004. pp. 13-75.

de perda e reconstrução. O mundo nos cobra práticas e razões de esperança, horizontes de sentido que atravessam a cotidianidade da vida. Mas também nós precisamos dessas práticas e razões de esperança para levantar-nos, para sair, para seguir e anunciar a Boa-Nova do Mestre.

Poucos meses depois de o *Documento de Aparecida* ter-nos apresentado um balaio de esperança, Bento XVI nos apresentou, em sua encíclica "Sobre a esperança cristã", uma aula magistral sobre a esperança. O balaio e a aula apontam para a necessidade de contextualização do discurso e da prática da esperança.

## Aparecida: um balaio de esperança

Procuo tirar deste balaio de esperanças que o *Documento de Aparecida* nos apresenta aqueles que estabelecem uma relação entre as condições precárias da vida dos pobres e a sua "firme esperança em meio a problemas e lutas" (DA, n. 106). A caridade desse povo e de seus líderes "mantém viva a esperança em meio às injustiças e adversidades" (DA, n. 26). "Anunciamos a nossos povos que Deus nos ama, [...] que ele está perto com o poder salvador e libertador de seu Reino, que ele nos acompanha na tribulação, que alenta incessantemente nossa esperança em meio a todas as provas" (DA, n. 30). Deus vive "em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, como também em meio a suas dores e sofrimentos" (DA, n. 514).<sup>20</sup>

Essa esperança é um dom dos pobres à Igreja: "Alenta nossa esperança a multidão de nossas crianças, os ideais de nossos jovens e o heroísmo de muitas de nossas famílias, que, apesar das crescentes dificuldades, seguem sendo fiéis ao amor" (DA, n. 127).

"As maiores riquezas de nosso povo são a fé no Deus amor", que está presente "na consciência da dignidade da pessoa, na sabedoria diante da vida, na paixão pela justiça, na esperança contra toda esperança" (DA, n. 7). No horizonte dessa esperança está uma sociedade que supera a divisão de classes sociais e a acumulação dos bens, uma sociedade de partilha

20. "No coração e na vida de nossos povos pulsa um forte sentido de esperança, não obstante as condições de vida que parecem ofuscar toda esperança. Esta se experimenta e se alimenta no presente, graças aos dons e sinais de vida nova que se compartilha; compromete-se na construção de um futuro de maior dignidade e justiça e aspira 'os novos céus e a nova terra' que Deus nos prometeu em sua morada eterna" (DA, n. 536).

e solidariedade. A missão vive aquela “esperança que não engana” (DA, n. 14). A esperança que engana promete demais, fomenta desejos alienantes e conflitos “a serviço de interesses alheios” e “pode frustrar e reverter negativamente” a esperança dos oprimidos (DA, n. 75).

A Boa-Nova “é fonte de esperança para todos” (DA, n. 187. Cf. DA, n. 149). O anúncio do evangelho de Jesus Cristo gera esperança, porque inspira “soluções adequadas aos problemas da existência” (DA, n. 333) e nos ajuda “a cultivar a esperança como ele nos ensina” (DA, n. 336). A esperança do povo e a esperança da Igreja se aproximam: “Toda a vida de nossos povos fundada em Cristo, e redimida por ele, pode olhar para o futuro com esperança” (DA, n. 128). A presença de Cristo “abre caminhos de esperança” (DA, n. 119). E Deus está onde há esperança.

### *Spe salvi*: uma aula sobre a esperança

A encíclica *Spe salvi*, de Bento XVI, sistematiza a esperança cristã e acrescenta alguns elementos catequéticos ao *Documento de Aparecida*:

- a) A esperança é uma palavra central da fé bíblica. É possível “intercambiar os termos ‘fé’ e ‘esperança’. Assim, a Carta aos Hebreus liga estreitamente a ‘plenitude da fé’ (SS, nn. 10,22) com a ‘imutável profissão da esperança’” (SS, n. 2). No rito do Batismo, à pergunta “Que é que vos dá a fê?”, o neófito responde: “A vida eterna”. A fê é a chave para a vida eterna, que é o núcleo da nossa esperança.
- b) O cristianismo não é apenas “uma “Boa-Nova”, ou seja, uma “comunicação de conteúdos” (SS, n. 2). O Evangelho não é apenas “informativo” (certeza da nossa redenção), mas “performativo”, transformador. A esperança gera fatos e muda a vida (cf. SS, nn. 2, 4).
- c) E esperança como vida eterna ou vida bem-aventurada não significa “salvação da alma” (SS, n. 16); trata-se de uma realidade comunitária (SS, n. 14) A esperança só para mim não é uma esperança verdadeira, porque

descuida dos outros (cf. SS, n. 28). “Cristo morreu por todos, para que os que vivem já não vivam para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2Cor 5,15).

- d) Que podemos esperar? Uma evolução cósmica? Um progresso linear, no conhecimento crescente das estruturas da matéria e das invenções científicas só é possível no campo material. No campo da ética, não há tal possibilidade de adição, simplesmente porque a liberdade do ser humano é sempre nova e deve sempre de novo tomar as suas decisões (SS, n. 24). A evolução cósmica não gera mártires. A ciência não redime o mundo. O ser humano histórico é redimido pelo amor (cf. SS, n. 26).
- e) O que podemos esperar (não propriamente construir) é o Reino de Deus. É um dom que é a resposta definitiva à esperança (cf. SS, n. 35). Entre os lugares de esperança, o papa Bento XVI enfatiza o juízo final, como imagem-lugar da esperança, da ressurreição corporal dos mortos, que permite pensar a justiça definitiva, a revogação do sofrimento passado e a reparação que restabelece o direito. “No fim, no banquete eterno, não se sentarão à mesa, indistintamente, os malvados junto com as vítimas, como se nada tivesse acontecido” (SS, n. 44). A justiça constitui o argumento essencial a favor da esperança na ressurreição e na vida eterna (cf. SS, n. 43). Deus é justiça e cria justiça. Mas a sua justiça também é graça. A graça não muda a injustiça em direito. Não é uma esponja que apaga tudo.

## A missão como anúncio e prática da esperança

A seguir, elencamos cinco esperanças que configuram o anúncio missionário hoje: Deus ouve o grito de seu povo, Deus é o sujeito da história, Deus convida ao êxodo, a presença da Igreja como ruptura.

- 1) A globalização formatada pelo neoliberalismo fez “emergir, em nossos povos, novos rostos pobres”: os migrantes, os deslocados e refugiados, os tóxico-dependentes,

idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, grandes grupos de desempregados, as pessoas que vivem nas ruas das cidades grandes, os agricultores sem terra, os indígenas e afro-descendentes (cf. DA, nn. 58, 65, 72, 88ss, 402, 427, 439, 454).

O grito dessa gente nos lembra diariamente a injustiça, que domina nosso continente, como um câncer maligno. Se Deus é justiça e cria justiça, então parece que falta Deus. Mas Deus não abandona os pobres. Ele ouve o grito de seu povo. Ele não só olhou para o sofrimento do povo, mas participou desse sofrimento. Ele está no grito de seu povo. Ele é o grito dos pobres. Deus não pode mais sofrer, mas ele tem compaixão de nós. Nós podemos nos expor ao sofrimento dos outros porque neles experimentamos a compaixão de Deus.

- 2) Deus não é só horizonte ou moldura deste mundo. Ele é seu centro. Ele é sujeito deste mundo, que, em seu autonomismo moderno (auto-emancipação de Deus) e a seu bel-prazer pós-moderno, acha poder dispensá-lo. Conhecemos as conseqüências. A miséria não é um deslize da modernidade formatada pelo capitalismo e a irresponsabilidade social não é um acidente da pós-modernidade. Fazem parte da formação civilizatória da nossa época. A história está impregnada do risco da liberdade. Reconhecendo Deus como sujeito e ator da história, alivia o peso da nossa missionariedade, sem suspender a nossa responsabilidade. Ele é o bom pastor do Brasil dos discípulos missionários. Portanto, devem pedir de Deus não só isso ou aquilo, mas o dom de Deus, ouvidos abertos, olhos claros, mãos estendidas.
- 3) Este Deus, que ouve o grito dos pobres, que trabalha conosco no centro do mundo numa Nova Aliança, nos envia em missão à periferia do mundo para que não haja mais centro nem periferia. Ao envio precede a convocação ao êxodo. Ele nos chama, antes de tudo, a sair da escravidão. Essa escravidão se desdobra em múltiplas formas de servidão e submissão. No início de cada servidão

está o seqüestro da memória dos pobres. A experiência do êxodo e a recuperação da memória são fundamentais para o anúncio missionário.

A missão que se propõe ser e anunciar “boa notícia aos pobres” necessariamente procura desintegrar-se do sistema que produz o sofrimento dos pobres, procura desintegrar o sistema e, positivamente, recuperar a memória dos oprimidos. Procura ser areia e não óleo nas entranhas do sistema em curso, que se baseia na exclusão, acumulação, concentração de poder e riqueza, exploração, no individualismo concorrencial, no consumo privilegiado de poucos (*DA*, n. 62) e no monopólio da palavra.

- 4) Quem sai de sua terra, como Abraão, ou da terra dos outros, onde foi escravizado, como Moisés, não sabe para onde vai. Em última instância, a esperança é confiança em Deus, é utopia, lugar inexistente, promessa absoluta. A utopia que queremos só sabemos descrever a partir daquilo que não aceitamos mais, que não podemos mudar, mas que podemos abandonar. A saída está na saída, no êxodo. A missão vive e propõe esse êxodo para o mundo novo, que a metáfora do Reino de Deus promete, êxodo da escravidão, da colonização, do capitalismo, das instituições petrificadas e aburguesadas.

O êxodo é como a conversão e o perdão. Quebram relações petrificadas. Fazem parte do pão e da palavra partilhadas a cada dia. A esperança nos dá as razões e a força para decidir entre o presente acomodado e sofrido e o êxodo para um futuro imprevisível. Viver na esperança tem seus perigos e riscos.

- 5) A ruptura sistêmica não depende da Igreja, mas é-lhe factível através de gestos significativos (sinais de justiça e imagens de esperança) que perpassam todos os seus setores (formação, teologia, catequese, ministérios, liturgias, serviços sociais), articulações e alianças com setores que ultrapassam o âmbito eclesial. A Igreja colabora na organização dos diversos movimentos sociais que acreditam na possibilidade de um outro mundo. Na formação dos



seus próprios quadros, a Igreja os qualifica espiritual e teologicamente para os embates com o capital na era de sua mundialização, para a intervenção e a partilha, para a gratuidade e a solidariedade. O desenvolvimento das forças naturais pode destruir e construir.

O mundo abandonado ao seu dinamismo natural cria uma sociedade injusta. Alimentar a esperança dos pobres exige presença e intervenção de atores sociais. A Igreja que assume essa intervenção e ruptura como serviço aos pobres não é só advogada dos pobres, é realmente casa dos pobres. Como casa dos pobres é casa de esperança. A esperança é um dom acolhido com responsabilidade. O que vinga na missão é dom e partilha de pão e palavra. Segundo uma antiga tradição de Israel, o Messias virá quando todos tiverem um lugar à mesa do pão e da palavra. Até lá, anunciamos a razão da nossa esperança: tudo pode ser diferente. Para que isso aconteça, seguimos caminho, continuamos lutando.

### ***Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade***

1. O que significa “o projeto de Jesus é instaurar o Reino?”
2. Que contribuição eu dou para que a minha Igreja seja morada de povos irmãos e casa dos pobres?
3. Qual é o núcleo central para a reflexão e a prática missionárias? Como esse paradigma pode tornar-se mais relevante para os pobres e através deles para a humanidade?



**CRB**

## **Quadro Programático da CRB 2007-2010**

### **HORIZONTE**

Em meio às profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos interpela: avancem (Ex 14,15). Acolhemos esta Palavra como discípulas e discípulos de Jesus Cristo, na mística da encarnação e no testemunho profético a serviço da vida, especialmente a dos pobres e excluídos, partilhando, com espírito missionário, a razão da nossa esperança (1Pd 3,15).

### **PRIORIDADES**

- 1.** Reafirmar o compromisso da VRC no serviço à vida, diante das grandes questões sociais e ambientais; e fortalecer a inserção nos meios populares e em novos espaços de solidariedade e cidadania.
- 2.** Cultivar uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero.
- 3.** Dinamizar a formação inicial e continuada diante da mudança de época, de forma integral, humanizante e geradora de novas relações.
- 4.** Ampliar as alianças intercongregacionais, as redes e parcerias, na formação e na missão, e intensificar a partilha dos carismas com leigos e leigas.
- 5.** Buscar novas formas de aproximação e presença junto às juventudes.